

REPERTÓRIO do Circo-Teatro Amazonas (1958). São Paulo: [S.l.: s.n.]. 2 f. Texto xerografado

REPERTÓRIO do Pavilhão Teatro Bibi (1963). São Paulo: [S.l.: s.n.]. 3 f. Texto xerografado

Vidas Paralelas. O garoto que venceu o batalhão. **Época**, Rio de Janeiro, n. 489, out. 2007

ROUBINE, Jean-Jaques. **A linguagem da encenação teatral**. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998

RUIZ, Roberto. **Hoje tem espetáculo?: as origens do circo no Brasil**. Rio de Janeiro: INACEN, 1987

SANTIAGO. **Novelão**. Porto Alegre: Projeto, 2000.

SANTOS FILHO, Luiz Alves dos. **Bonfim: passado e glória**. Jacobina, BA: Santa Cruz Artes Gráficas, [200-?]

_____. **Lembranças: Bonfim e eu, fragmentos de saudade**. Jacobina, BA: Gráfica Radami, [200-?]

SERRONI, J. C. **Teatros, uma memória do espaço cênico no Brasil**. São Paulo: SENAC, 2002

SILVA, Adolfo. **Bonfim, terra do bom começo**. Salvador: Mensageiros da Fé, 1971

SILVA, Caetano Cosme da. **O assassino da honra ou a louca no jardim**. São Paulo: Luzeiro, [19--]

_____. **A filha da louca do jardim**. São Paulo: Luzeiro, 1988.

SILVA, Daniel Marques da. **O palhaço negro que dançou a chula para o Marechal de Ferro: Benjamim de Oliveira e a consolidação do circo-teatro no Brasil – mecanismos e estratégias artísticas como forma de integração social na *Belle Époque* carioca**. 2004, p. 457. Tese (Doutorado em Teatro) – UNIRIO, Rio de Janeiro, 2004.

_____. O palhaço negro que dançou a chula para o Marechal de Ferro. *Revista de Artes Cênicas: Sala Preta*. São Paulo, n 06, pp. 55-63, 2006

SILVA, Ermínia. **Circo-Teatro: Benjamim de Oliveira e a teatralidade circense no Brasil**. São Paulo: Altana, 2007

_____. O circo, sua arte e seus saberes: o circo no Brasil do final do século XIX a meados do século XX. 1996. p. 186. Dissertação (Mestrado em História Social) Programa de Pós-Graduação em História/UNICAMP, Campinas, 1996. Disponível em: < http://www.bvs-psi.org.br/Mapa%20Centros%20Coop/CCs%20Brasil_NE_arquivos/map_br_ne.jpg>. Acesso em: 10 abr. 2008

SITE DO PROJETO PORTINARI. Disponível em:

<<http://www.portinari.org.br/ppsite/ppacervo/obrasCompl.asp?notacao=1680&ind=6&NomeRS=rsObras&Modo=C>>. Acesso em: 25 jan.2008

SPERBER, George Bernard. **Introdução à peça radiofônica**. São Paulo: EPU, 1980

TEREMOS a Rádio-Telefonia em Bonfim. **Correio do Bonfim**, Senhor do Bonfim, ano XII, n. 5, p. 2, 1 nov. 1925

TEATRO. **Correio do Bonfim**, Senhor do Bonfim, ano XXX, n. 13, p. 1, 21 dez. 1941

THEATRO. **Correio do Bonfim**, Senhor do Bonfim, ano II, n. 8, p. 3, 16 nov. 1913

_____. **Correio do Bonfim**, Senhor do Bonfim, ano VI, n. 31, p. 1, 28 abr. 1918

_____. **Correio do Bonfim**, Senhor do Bonfim, ano I, n. 47, p. 2, 24 ago. 1913

THEATRO Infantil. **Correio do Bonfim**, Senhor do Bonfim, ano V, n. 6, p. 1, 5 nov. 1916

_____. **Correio do Bonfim**, Senhor do Bonfim, ano IV, n. 23, p. 2, abr.. 1916

TRECHOS. **Correio do Bonfim**, Senhor do Bonfim, ano IX, n. 12, p. 2, 19 dez.. 1920

THOMASSEAU, Jean-Marie. **O Melodrama**. São Paulo: Perspectiva 2005.

Tribuna dos Sertões, Senhor do Bonfim, Edições Variadas de 1973 e 1974.

TORRES, Antônio. **O circo no Brasil**. Rio de Janeiro: FUNARTE, 1998

VAMOS abrir os olhos! Senhor do Bonfim. [S.l.: s.n.]. 1 f. Texto xerografado

VARGAS, Maria Tereza (Coord.). **Circo, espetáculo de periferia**. São Paulo: Secretaria Municipal de Cultura, 1981

VENEZIANO, Neyde. O teatro de revista. In: Brandão, Tânia. **O teatro através da história**. Rio de Janeiro: CCBB, c.1994. v II, p.139-155. O teatro brasileiro

WIKIPÉDIA: enciclopédia eletrônica. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Quo_Vadis_%28novela%29> Acesso em 15 nov. 2007

WIKIPÉDIA: enciclopédia eletrônica. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Assis_Valente> Acesso em: 16 jan.2008

WIKIPÉDIA: enciclopédia eletrônica. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Assis_Valente#Biografia_atribulada> Acesso em 16 jan.2008

WIKIPÉDIA: enciclopédia eletrônica. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Melodrama>> Acesso em: 06 abr.2008

APÊNDICES

APÊNDICE A – QUADRO CRONOLÓGICO DA VIDA DE JOSÉ CARVALHO

CRONOLOGIA	
FATO	PERÍODO
Nascimento	1910
Circo Meridiva	1941/1942
Leste Brasileiro	1943
1º Casamento	1943
2º Casamento	1955
Residência na Rua Campo Formoso	1943/1944 até 1948
Residência na Rua José Jorge nº. 20	1948 a 1965
Residência na Rua José Jorge nº. 16	1965 a 1969
Última Peça	1962
Falecimento	1974

APÊNDICE B – FICHAS TÉCNICAS DOS ESPETÁCULOS DE JOSÉ CARVALHO

*CONDENADO INOCENTE*¹⁹⁸

Alberto Coimbra, o condenado inocente - Marinaldo Veríssimo

Marcos Figueira, filho do juiz e assassino de Carlota - Antônio Jambeiro de Souza

Carlota, colegial assassinada – Maria dos Santos Silva (Júju)

Carlos, noivo de Carlota / Advogado de defesa ou acusação (2 papéis ou Carlos era advogado?) – Manoel Alves Ribeiro (Manelito)

Isabel, esposa de Alberto Coimbra – Helenita

Filha de Alberto Coimbra – Edna Francisca Costa Araújo (Edinha)

Comendador Pitangueira, pai de Carlota - ?¹⁹⁹

Elza, mãe de Carlota – Carminha

Carmem, colegial amiga de Carlota – Maria Zilda Nicácio

Promotor - Francisco Carvalho

Juiz - Jaime Araújo da Silva

Guarda – ?

Policial - Valdecir Lopes

Carrasco - José Raimundo²⁰⁰

Padre - ?

¹⁹⁸ Ainda participaram da peça: Antônio Simões, Francisco Queiróz e José Mendes, mas não foi possível identificar se neste espetáculo eles desempenharam a função de atores ou de técnicos.

¹⁹⁹ Segundo Lourdinha, em uma das versões da peça *Condenado inocente*, o comendador Pitangueira foi interpretado por Wilson Xexêu. (Maria de Lourdes Carvalho, entrevista realizada em 08/04/2007)

²⁰⁰ Numa outra montagem o personagem foi interpretado por Raimundo Rodrigues, o Falcão. Ele era um pouco mais velho que a maioria deste elenco, pois nascera no final da década de 1930. Mariano Rodrigues também teria interpretado este personagem.

FILHO DO MAR

Jacó, pai do filho do mar – Deinho

Filho do Mar (criança) – Ostivaldo Carvalho

Filho do Mar (adulto) – Valdecir Lopes

Simplício, o marinheiro que salva Jacó – Valdeído Serafim (Idinho)

Marinheiros / Outros personagens que não foram identificados – Marinaldo Veríssimo, Agnaldo Paixão, Antônio Simões (Tonho Bola), Diome, Mariano Rodrigues, Luiz Ermentano, Wilson Marrequinha, Lourival, Orlando Carvalho, José Raimundo Macena, Raimundo Freitas, Luiz, Francisco Queiróz, Carvalho e Marcondes Martins.

FAMÍLIA MALDITA

São Miguel Arcanjo: Orlando Carvalho

Diabo: Antônio Simões

Mulher: Maria Zilda

Homem: Valdecir

Médico– Valdeído Serafim da Costa

E outros que não foram identificados

APÊNDICE D - MONTAGEM DE OUTROS GÊNEROS TEATRAIS²⁰¹
EM SENHOR DO BONFIM (1912-1942)²⁰²

Década de 1910

Gênero: Comédia

Cia: Grupo Dramático da Sociedade 25 de Janeiro

Espetáculo: Os estróinas

Elenco: Oldac Esteves, Alcino Duarte e Jonathas Silva

Local de apresentação: Cinema Royal

Período: 08/09/1913

Gênero: Comédia

Cia: Grupo Dramático da Sociedade 25 de Janeiro

Espetáculo: Os dois surdos (1 ato)

Local de apresentação: Cinema Royal

Período: 09/11/1913

Gênero: Comédia

Espetáculo: Uma véspera de Reis

Elenco: Ranulpho Gonçalves e outros rapazes

Local de apresentação: Cinema Royal

Período: 06/03/1916

²⁰¹ Todas as denominações técnicas representam a forma como os artistas ou editores do jornal as compreendiam e classificavam.

²⁰² Os dados contidos nesta relação foram extraídos exclusivamente de artigos e anúncios do semanário *Correio do Bonfim*.

Gênero: Comédia

Cia: “Moços estudantes em férias”

Espetáculo: Valentes e medrosos

Elenco: M. Britto, Ranulpho Gonçalves, entre outros.

Local de apresentação: Cinema Royal

Período: 06/03/1916

Gênero: Farsa

Espetáculo: O pintor malgrado (texto de Amélia Rodrigues)

Direção: Maj. Antônio A. Guimarães

Elenco: Celina Sepúlveda, Altamira Amaral, Maria Ventura, Hyldegarda Dantas, Ana Amaral, Cândida Martins, Esther Amaral, Lindaura Clara, Enedina Valladares e Liberaldina Pereira (todas crianças)

Local de apresentação: Cinema Royal

Período: 28/05/1916

Gênero: Comédia

Espetáculo: Nada de enganos (comédia em 1 ato)

Direção: Antonio Guimarães e Edeltrudes Ferreira da Silva

Elenco: Crianças

Local de apresentação: Cinema Royal

Período: 03/ 09/1913

Gênero: Farsa

Espetáculo: Surpresa (Farsa em 1 ato escrita por Francisco Simas)

Sinopse: “...peça em que o autor interpôs cenas locais, com números surpreendentes e originais...”

Elenco: Clarice Dias (Desmancha Prazeres ou Satã), Altamira Amaral (Surpresa), Maria Luiza Kauark (Incógnito) e Adélia Kauark (Intruso)

Local de apresentação: Cinema Confiança

Período: 16/07/1917

Obs.: Em novembro do mesmo ano Francisco Simas acrescentou mais um ato para peça, apresentada no dia 20 de novembro. O elenco foi mudado. Candinha Martins (Satã), Loinha Amaral (Surpresa), Lili Kauark (Incógnito), Santinha Amaral (Calino), Lavínia Portela (Anjo da Guarda)

Gênero: Comédia

Cia: Grupo Dramático Infantil da Sociedade União e Recreio

Espectáculo: A Ralhadeira (Comédia em 1 ato)

Elenco: Altamira Amaral, Maria Luiza Kauark e Cândida Martins

Local de apresentação: Cinema Confiança

Período: 14/08/1917

Gênero: Comédia

Cia: Grupo Dramático da Sociedade 25 de Janeiro

Espectáculo: Os dois surdos (1 ato)

Local de apresentação: Cinema Confiança

Período: 12/12/1912 (reapresentação) Ver 08/12/1918

Gênero: Comédia

Cia: Grupo Dramático da Sociedade 25 de Janeiro

Espetáculo: Amor por Anexins

Direção: Hipólito Carvalho

Local de apresentação: Cinema Confiança

Período: 10/01/1919

DÉCADA DE 1920

Cia: Grupo Amantes da Arte

Espetáculo: As máscaras (Texto de Menotti del Picchia)

Elenco: Ceciliano Guimarães (Pierrô), Napoleão Pinto (Arlequim), Iza Torres (Colombina) e José de Assis Valente

Local de apresentação: Cine-Bonfim

Período: 02/09/1924

Gênero: Comédia

Cia: Grupo Amantes da Arte

Espetáculo: Noiva sob medida ou O milionário (Comédia em 1 ato de Francisco Simas)

Elenco: Ceciliano Guimarães, Napoleão Pinto e José de Assis Valente

Local de apresentação: Cine-Bonfim

Período: 02/09 e 07/10/1924

Cia: Grupo Amantes da Arte

Espetáculo: Quadros de Amor (Texto de Francisco Simas)

Elenco: Napoleão Pinto e Iza Torres

Local de apresentação: Cine-Bonfim

Período: 07/10/1924

Obs.: *Quadro de amor*, poema em versos alexandrinos, foi editado em Salvador em 1927, recebendo elogios da imprensa.

Espetáculo: A ceia dos cardeais (De Júlio Dantas)

Período: (notícia em 09/01/1927)

Gênero: Comédia

Espetáculo: Os primos

Elenco: O elenco desta peça é citado (Correio do Bonfim, 07/10/1928) juntamente com o de *Pena de morte*, não sendo possível, no momento, identificar quem integrava este ou aquele espetáculo, foram eles: Ferreira da Silva, A. Epaminondas, Herman Amaral, Napoleão Pinto, Ceciliano Guimarães, P. Matos, P. Pinheiro e Cândida Batatinha.

Local de apresentação: Cine-Teatro São José

Período: 06/10/1928

Gênero: Comédia

Cia: Trupe Regional

Espetáculo: Domador de feras

Elenco: O elenco desta peça é citado (Correio do Bonfim, 21/10/1928) juntamente com o de *Coração de Mãe*, não sendo possível, no momento, identificar quem integrava este ou aquele espetáculo, foram eles: Ferreira da Silva, A. Epaminondas, Margarida Duarte

Simões, Elvira Gonçalves, Durvalina Félix, Dulce Ramos, Celina Lessa e Alayde Senna Gomes.

Local de apresentação: Cine-Teatro São José

Período: 17/10/1928

Gênero: Comédia

Cia: Cruzada do Ideal

Espectáculo: Comédia de Lili

Direção: Altamira Amaral, Izabel Pitanga e Cândida Aroeira

Elenco: O elenco desta peça, formado só por crianças, é citado juntamente com o do drama *O pequeno Mendigo* e números de variedades, não sendo possível, no momento, identificar quem integrava este ou aquele espetáculo, foram elas: Lygia M. Silva, Annete Ramalho, Nair Cardoso, Maria Ramalho, Raymunda Freire, Clélia Barros, Nívea Grassi, Diva Duarte, Stella Meneses, Araguacy Fonseca, Edelzuita Oliveira, Nair Guimarães e Vivaldina Freitas.

Local de apresentação: Cine-Teatro São José

Período: 16/11/1928

Cia: Colégio Senhor do Bonfim

Espectáculo: Clube das Sonsas (De Francisco Simas)

Direção: Maria Izabel da Silva e Maria José da Silva

Elenco: Crianças

Local de apresentação: Cine-Teatro São José

Período: 18/11/1928

Gênero: Variedades

Cia: Colégio Senhor do Bonfim

Espectáculo: Soldadinhos de Chumbo e Prima Vera chegou

Direção: Maria Izabel da Silva e Maria José da Silva

Elenco: Crianças

Local de apresentação: Cine-Teatro São José

Período: 18/11/1928

Gênero: Drama sacro

Cia: “... um núcleo de gentis mocinhas e crianças da sociedade bonfinense...” (Correio do Bonfim, 06/01/1928)

Espectáculo: Conto do Natal (Peça em 3 atos de Benedito Otávio, da Academia de Letras Paulista)

Direção: Esmeralda Borges e Ceciliano Carvalho (direção musical)

Elenco: Crianças: Joanita Leite (Evelina, filha do rei), Nair Guimarães (Mafalda, velha camponesa), Araguacy Fonseca (Rei Artur), Onildo de Carvalho (Conde Janno), Proserpina Gonçalves (Anjo protetor), Cândido Fonseca, Zezé casaes, Zezé Gadelha, Laura Fialho, Celenita França e Nilza Leite (Fidalgos da corte) Ernestina Fonseca, Esther Macedo, Maria Pinto, Waldemira Gadelha, Filhinha de C. Lino e Nanette Miranda (Damas de Honor), Antônio Miranda (Fogo fátuo), Vavá Casaes (Vagalume);
Orquestra: Albertina Duarte (piano), Alzira Fialho (violoncelo), Villebaldo Viana (flauta); Coro formado por mais de 30 vozes infantis, entre elas Nanete Miranda (Ária do urutau), José Gadelha Neto (Ária do morcego), Oldéa Fialho (Ária do Sacy) e José Casaes (Ária da coruja).

Local de apresentação: Cine-Teatro São José

Período: 28/12/1928

Gênero: Comédia

Cia: “... um núcleo de gentis mocinhas e crianças da sociedade bonfinense...” (Correio do Bonfim, 06/01/1928)

Espetáculo: A dona de casa

Direção: Esmeralda Borges

Elenco: Proserpina Gonçalves (Benvinda, criada tabaroa), Ede Selem (Dona de Casa), Araguacy Fonseca (Primo Juca), Ernestina Fonseca (Madame Motta) e outros.

Cenário: Elmano Silva (pintor)

Figurinos: Esther Miranda

Local de apresentação: Cine-Teatro São José

Período: 28/12/1928

Gênero: Teatro de Revista

Cia: “... gentis meninas das melhores famílias locais... [...]” (Correio do Bonfim, 28/07/1929)

Espetáculo: Miquelina na Cidade (Revista de costumes locais de Maria do Carmo M. Ramalho)

Sinopse: “[...] Compõe-se a peça de um prólogo e 2 atos, 12 quadros e 24 números de música (...) cujo interessante enredo começa na roça, desenrolando-se o assunto na cidade, apanha flagrantes das mais empolgantes cenas que despertam extraordinário interesse.” (Correio do Bonfim, 28/07/1929)

Direção: Napoleão Pinto

Elenco: Francisca Silva (Seu Queiróz, compère), Áurea Guena (Miquelina), Annette Ramalho (Cidade), Maria Pinto (Napolitana), Célia Barros (Empreza de Luz), Maria Ramalho (Coríntias), Cândida Batatinha (Palestra), Anna Menezes (América) e Adonai

Simão (O colegial); Coristas: Olga Caribé, Amália Menezes, Maria Ramalho, Cândida Batatinha, Nívea Grassi e Etelvina Fonseca; Orquestra: Filinto Teixeira e José.

Figurinos: Izabel Pitanga Gonçalves

Local de apresentação: Cine-Teatro São José

Período: 31/07/1929

DÉCADA DE 1930

Gênero: Comédia

Cia: Alunas do Colégio das Irmãs Sacramentinas

Espectáculo: Atrapalhações de uma criada

Elenco: Florita Barreto e outras alunas do Colégio das Irmãs Sacramentinas

Local de apresentação: Cine-Teatro São José

Período: 08/09/1939

DÉCADA DE 1940

Gênero: “Drama de costumes romanos” (Correio do Bonfim, 08/06/1941)

Cia: Alunas do Colégio das Irmãs Sacramentinas

Espectáculo: Fabíola

Direção: Ernestina Fonseca

Cenografia: José Furlany

Elenco: O elenco desta peça é citado juntamente com o da comédia *Ajuste de Casamento* e números de variedades, não sendo possível, no momento, identificar quem integrava este ou aquele espetáculo, foram elas: Menininha Fonseca, Ofélia G. Soares, Stela Oliveira, Lourdes Oliveira, Noélia Fonseca, Solange G. Soares, Petrina Fonseca, Profª Mariá M. Oliveira, Nair Assis, Margarida Mendes, Loli S. Gomes e Oriana Carvalho.

Local de apresentação: Cine-Teatro São José

Período: 06/06/1941 (Em 1º de outubro do mesmo ano a peça foi apresentada em Itiúba, lá o *Jazz Tupi* executou música nos intervalos das apresentações)

Gênero: Comédia

Cia: Alunas do Colégio das Irmãs Sacramentinas

Espetáculo: Ajuste de casamento

Direção: Ernestina Fonseca

Cenografia: José Furlany

Elenco: O elenco desta peça é citado juntamente com o do drama *Fabiola* e números de variedades, não sendo possível, no momento, identificar quem integrava este ou aquele espetáculo, foram elas: Menininha Fonseca, Ofélia G. Soares, Stela Oliveira, Lourdes Oliveira, Noélia Fonseca, Solange G. Soares, Petrina Fonseca, Profª Mariá M. Oliveira, Nair Assis, Margarida Mendes, Loli S. Gomes e Oriana Carvalho.

Local de apresentação: Cine-Teatro São José

Período: 06/06/1941 (Em 1º de outubro do mesmo ano a peça foi apresentada em Itiúba, lá o *Jazz Tupi* executou música nos intervalos das apresentações).

Gênero: Comédia

Cia: Alunas do Colégio das Irmãs Sacramentinas

Espetáculo: Perigos da educação moderna

Elenco: Helena Barreto (Mucama) e outras alunas do Colégio das Irmãs Sacramentinas

Local de apresentação: Salão de diversões do Colégio

Período: 07/09/1942

Gênero: Comédia

Cia: Alunas do Colégio das Irmãs Sacramentinas

Espetáculo: Satã

Elenco: Helsia Duarte (Satã) e outras alunas do Colégio das Irmãs Sacramentinas

Local de apresentação: Salão de diversões do Colégio

Período: 07/09/1942

APÊNDICE E – ARTISTAS E COMPANHIAS VISITANTES QUE SE
APRESENTARAM²⁰³ EM SENHOR DO BONFIM (1912-
1942)²⁰⁴

DÉCADA DE 1910

Cia: Trupe de Variedades

Direção: José de S. Pires (O Fakir)

Período: Maio de 1913

Espetáculos: Espetáculo de prestidigitação

Elenco: Professor Tilman (Andarilho espanhol que fazia a volta ao mundo a pé)

Local de apresentação: Cinema Royal

Período: 21/09/1913

Cia: Companhia Brasileira (Também citada como Trupe Jandaia talvez por que em Salvador se apresentava no Cinema Jandaia)

Espetáculos: *Vai ou racha*, *Uma delegacia encrencada* (Revistas); *Pinto leitão e Cia*, *A experiência*, *A mulher homem* (Comédias).

Gênero: Variedades

Sinopse: Orquestra composta de 5 pessoas, entre elas a pianista Luiza Leonardo, sob a direção do violinista Paulo Quirino.

²⁰³ Todas as denominações técnicas representam a forma como os artistas ou editores do jornal as compreendiam e classificavam.

²⁰⁴ Os dados contidos nesta relação foram extraídos exclusivamente de artigos e anúncios dos semanários *Correio do Bonfim* e *O Imparcial*.

Elenco: Mário Barretto, Ferreira da Silva, Aurélio Epaminondas, João Meireles, Eugênia Guerra, Beatriz de Souza, Maria Luiza e Elyseu Borges.

Local de apresentação: Cinema Royal

Período: 27/01/1915 a 03/02/1915

Cia: Nilo Durval (Transformista chileno)

Espetáculos: Números musicais variados, entre eles: *La madrilená* (canto e dança espanhola), *A linda baiana* (tango popular), e *A bela ideal*.

Local de apresentação: Cinema Royal

Período: 05 a 18 /08/1915

Cia: Frontino Santiago (tenor cômico)

Período: 17/10/1915

Cia: Trupe de Variedades

Espetáculos: Uma comédia, uma revista, números de prestidigitação, e diversos monólogos e canções.

Direção: Pery Esteves

Elenco: Francisco Madureira, Prof. Tilman, e outros.

Local de apresentação: Cinema Royal

Período: 31/05 a 11/06 de 1916

Gênero: Artes circenses

Elenco: Miguel de Jesus Santiago (clown acrobata e saltador) e Olga Santiago, a *menina cobra*, (artista deslocadora)

Local de apresentação: Cinema Royal

Período: 13/08 a 24/09/1916

Cia: Dr. Erico Theobaldo da Silva (Dr. The-Obaldo)

Espetáculos: Canções, monólogos e prestidigitação.

Gênero: Variedades

Local de apresentação: Cinema Confiança

Período: 27/03/1917

Cia: Goytakizis

Espetáculos: O Jacarandá, Milagres de Santo Antônio, Por 200 contos, Julião no paraíso, Cômicos Ambulantes, Saleta em casa de Lola – 6º quadro d'*A Capital Federal* (comédias); Marieta quer casar (Burleta em 1 ato); além de prestidigitações humorísticas.

Gênero: Variedades

Direção: Oscar Goytakizis

Elenco: Liane d'Iff, Aurora Barreto, Mário Barreto, Duarte Silva, Juvenal Miranda e Oscar Goytakizis

Local de apresentação: Cinema Confiança

Período: 19, 22, 24, 26 e 29/04 e 01/05/1917

Cia: Tournée Ideal

Espetáculos: Cenas cômicas, sentimentais e de transformismo

Gênero: Variedades

Elenco: Silva Lisboa (cognominado o *Fregoli Lusitano*) e Raquel Lisboa (pianista de 12 anos de idade)

Local de apresentação: Cinema Confiança

Período: 19, 20, 21 e 22/07/1917

Cia: Trupe de variedades

Espetáculos: Amor na Chuva, revista, comédias e variedades.

Gênero: Variedades

Elenco: Irene Conceptine (atriz italiana), Avelino Fonseca (transformista Zazá), Peryllo de Oliveira (ator cômico)

Local de apresentação: Cinema Confiança

Período: 06, 11 e 13/10/1917

Cia: Professor Clemente Pace

Espetáculos: Mr. Acremon (ventriloquia), Metempsychose ou A mala misteriosa e Mesa encantada, A sonâmbula do espaço, entre outras.

Gênero: Variedades

Sinopse: Trabalhos de prestidigitação, ilusão, física, magnetismo, ventriloquia (“máscara de papelão falando e cantando e cantando óperas”)e magia.

Local de apresentação: Cinema Confiança e Edifício Municipal.

Período: 16, 18 e 21 /10/1917

Cia: Trupe Telles de Meneses

Espetáculos: O Barão da Cutia ou Tipos da Atualidade e outras

Gênero: Comédias e Operetas

Direção: Telles de Menezes

Elenco: Telles de Menezes (“Cômico de valor que faz rir toda a platéia pela sua verve irresistível”), Bartyra Carvalho, Herculano Carvalho, Edgar Teixeira, Mercedes Menezes e Anna Carvalho.

Período: 25, 28/11 e 05, 10/12/1917

Cia: Trio Flores

Elenco: Aurélio Epaminondas, Maria Oliveira e Edgard Teixeira

Local de apresentação: Cinema Confiança

Período: 05, 08, 12 e 12/06/1919

Cia: Trupe Americana

Espetáculos: Acrobacia moderna, ginástica, equilíbrio, canções e duetos

Gênero: Artes Circenses

Direção: Vicente Castro

Elenco: 06 artistas, entre eles Jonas e Jeannette, e Mrs. Charles e Louis

Local de apresentação: Cinema Confiança e Chácara de D. Rosa Duarte

Período: 20/07 a /08/1919

DÉCADA DE 1920

Cia / Artista: Homero Figueira

Espetáculos: Aranha Cabeça Humana

Sinopse: “[...]... engenhoso aparelho manejado pelo Sr Homero Figueira... [...]”

Local de apresentação: Cinema Confiança

Período: 11/07/1920

Cia / Artista: Trio Flores

Espetáculos: Pela Pátria (drama em 2 atos da autoria de Aurélio Epaminondas), É de Bambambam, Amor na chuva, Me deixe mulata, Ai Tibúrcio e Chateaux Margaux (comédias)

Gênero: Variedades

Direção: Aurélio Epaminondas e Maria Oliveira

Elenco: Orquestra: Anália Chaves, Dulce Ramos, Marietta, D. Maria Batista Netto (piano), Philomeno Cruz (violoncelo), Manoel Duarte e João Luiz Pereira com direção de Abílio Cardoso

Local de apresentação: Cinema Confiança

Período: 21, 25, 28/04, 03,07, 12/05/1921

Cia / Artista: Cezar Nunes

Espetáculos: Imitação de vozes e ruídos

Gênero: Imitação

Sinopse: “[...] Ouvir o Sr Cezar Nunes é ter com exatidão perfeita todos os sons, ruídos, toda a natureza sonante reproduzida na sua garganta singularmente privilegiada.”

Período: ?/06/1921

Cia / Artista: Trio rosas

Direção: A. Rosas

Local de apresentação: Cine-Bonfim

Período: ?/08/1924

Cia / Artista: Professor Bene Papert (artista norte-americano)

Espetáculos: Ilusionismo, força e malabarismo

Gênero: Artes circenses

Elenco: Bene Papert

Local de apresentação: Cine-Bonfim

Período: 18/12/1924

Cia / Artista: Companhia do Teatro Olímpia (Salvador)

Espetáculos: Amor do sertão (Burleta em 3 atos de Olegário Pinto), Os dois sargentos (Melodrama), Cabocla Bonita (Burleta em 2 atos), Dote (de Arthur Azevedo), Está salva a China (Comédia), Vida de Cristo (Drama sacro), Viúva das Camélias (Comédia), Tim tim por tim TIM (Revista) e atos de variedades.

Gênero: Variedades

Elenco: Composto de 20 artistas, entre eles: a bonfinense Consuelo Paiva , Izabel Ferreira, ,Carmem D'Almeida , Ester Souza, Delmare Paiva, Noberto Teixeira, Modesto Souza, Fernando de Oliveira, A. Epaminondas, Mário Ulles, Claudino Oliveira e maestro Ariston Sonza. O secretário da trupe era Benjamim Bompert.

Local de apresentação: Cine-Bonfim

Período: 24/09 a 04/10/1925

Cia / Artista: Os Santinelles

Espetáculos:

Gênero: Variedades

Local de apresentação: Cine-Bonfim

Período: 19 e 20/08/1926

Cia / Artista: Trupe Rossi

Gênero: Variedades

Direção: Nicolau Rossi

Local de apresentação: Cine-Bonfim

Período: 30/09 a ?/10/1926

Cia / Artista: Professor V. Orlandini (Ítalo-brasileiro)

Espetáculos: Ilusionismo

Local de apresentação: Cine-Bonfim

Período: 10/04 /1927

Cia / Artista: Os Rosandré

Espetáculos: Números de força e canto

Gênero: Artes circenses

Local de apresentação: Cine-Teatro São José

Período: 10 e 11/01/1929

Cia / Artista: Trupe Didi

Gênero: Variedades

Elenco: A. Souza, J. Pernambucano e suas filhas Lydia e Pérola Pernambucano

Local de apresentação: Cine-Teatro São José

Período: 23 a 24/04/1929

DÉCADA DE 1930

Cia / Artista: Trupe Mirim (“Vindo de Juazeiro”)

Espetáculos: Comédias, revuettes, dramas e variedades

Gênero: Variedades

Direção: Moreno Garcia

Elenco: “... pequeno elenco teatral de 3 figuras... [...]” (Correio do Bonfim, 19/01/1930)

Local de apresentação: Antigo Cine-Bonfim

Período: 18 a 26/01/1930

Cia / Artista: Leo-Ake (ventríloquo)

Gênero: Teatro de bonecos

Sinopse: “... excelentes números dos seus bonecos falantes... [...]” (Correio do Bonfim, 24/08/1930)

Elenco: Leo-Ake

Local de apresentação: Antigo Cine-Bonfim / Cine-Teatro São José

Período: 16 a 19/08/1930

Cia / Artista: Trupe Bibelot

Espetáculos: Comédias, Burletas, dramas, etc

Gênero: Variedades

Elenco: Elza Matos, Esmeralda Matos, A. Pereira, Fernando, Marieta Soares e S. Vellano

Local de apresentação: Cine-Teatro São José

Período: ?/09 a 05/10/1930

Cia / Artista: Trupe Didi

Espetáculos: Tabaréu na praça (comédia), comédias, revuettes e variedades

Gênero: Variedades

Direção: J. Pernambucano

Local de apresentação: Antigo Cine-Bonfim / Cine-Teatro São José

Período: 12 a 29/10/1930

Cia / Artista: Abelardo Arenas (mexicano)

Espetáculos: Ventríloquo / Grafólogo

Gênero: Teatro de bonecos

Local de apresentação: Cine-Teatro São José

Período: 18 a 25/01/1931

Cia / Artista: Trupe Carioca

Direção: Ambrosina Ferreira

Elenco: Composto de 04 pessoas

Local de apresentação:

Período: ?/02/1931

Cia / Artista: Os Rosas (Duo cômico)

Espetáculos: Apresentaram 3 espetáculos

Gênero: Comédia

Local de apresentação: Cine-Teatro São José

Período: 05 a 09/04/1931

Cia / Artista: João Lamarca (italiano)

Espetáculos: A mesa no espaço e outros

Gênero: Prestidigitação e ilusionismo

Local de apresentação: Cine-Teatro São José

Período: 07 a 11/05/1931

Cia / Artista: Alberto Costa e Walter Bank

Espetáculos: Ilusionismo, música, canto, transformismo e números cômicos

Gênero: Variedades

Sinopse: “... o primeiro faz trabalhos de ilusionismo, é violinista original, pois executa musicas regionais e clássicas numa só corda, canta bem e é cômico; o segundo é a criatura singular - Homem que tem as formas de mulher, havendo assim a grande dúvida das platéias: - Ele ou ela? [...]” (Correio do Bonfim, 19/06/1932).

Elenco: Alberto Costa (baiano) e Walter Bank (americano)

Local de apresentação: Cine-Teatro São José

Período: 19/06 a ?/07/1932

Cia / Artista: Trupe de Variedades Irmãos Othero

Espetáculos: Soldado em apuros (Comédia), burletas, bailados, caipiradas, etc.

Gênero: Variedades

Direção: Lourival Jutuca

Elenco: Lourival Jutuca (o galã), as três irmãs Othero, Sarita, Anita e Gioconda, e o cômico Carlos Vianna

Local de apresentação: Cine-Teatro Ideal

Período: 22/07 a 02/08/1933

DÉCADA DE 1940

Cia / Artista: Fakir Javan

Espetáculos: Atos de ilusionismo

Local de apresentação: Cine-Teatro São José

Período: 17/01/1941

Cia / Artista: “... pequena trupe...” (Correio do Bonfim, 29/06/1941)

Gênero: Variedades

Direção: A. Epaminondas

Elenco: “...modesto elenco...” (Correio do Bonfim, 29/06/1941)

Local de apresentação: Cine-Teatro São José

Período: 26/06 a ?/07/1941

Cia / Artista: Cia Mag Vone

Espetáculos: Na estréia apresentou uma comédia e variedades.

Gênero: Variedades

Elenco: Composto de 10 figuras

Local de apresentação: Cine-Teatro São José

Período: 13 a 24/03/1942 (Depois seguiu para Jacobina)

Cia / Artista: Gaspar

Gênero: Ilusionismo

Elenco: Gaspar

Local de apresentação: Cine-Teatro São José

Período: 23 e 24/09/1942

Cia / Artista: Trup Ves-set

Espetáculos: “...apresentou variados e apreciados números de drama, cânticos e representações escolhidas.” (O Imparcial, 27/08/1944)

Gênero: Variedades

Local de apresentação:

Período: ?/08/1944

APÊNDICE F - DE “CURRAL DE VACAS” A IGREJA UNIVERSAL DO REINO DE DEUS: A TRISTE SAGA DO CINE-TEATRO SÃO JOSÉ.

O teatro mais antigo existente no país é o Municipal de Ouro Preto, construído em 1770 (GUZIK *apud* SERRONI 2002, p. 14) No decorrer dos últimos séculos vários outros foram sendo construídos, pela iniciativa pública ou privada, de norte a sul do Brasil.

Ao prefaciar um livro pioneiro sobre edifícios teatrais brasileiros, Guzik (*apud* SERRONI 2002, p. 14) reconhece:

Teatros: uma memória do espaço cênico no Brasil pede um complemento. Uma obra que tire do limbo a memória das salas de espetáculos que não conseguiram resistir e foram derrubadas, fecharam ou tiveram outras destinações. (...)... dezenas de teatros em todo o Brasil foram vitimados por razões ilógicas e ordens arbitrárias. [...]

Vamos conhecer agora a história de um deles, a triste saga de um teatro construído e “destruído” no sertão da Bahia: O Cine-Teatro São José. Sobre a pouca importância dada a espaços como este, a atriz Fernanda Montenegro (*apud* SERRONI 2002, p.15) desabafa: “[...]... o que me intriga é esse diferencial cultural negativo do povo brasileiro de não se interessar por sua memória, especialmente por seus monumentos, nos quais, a meu ver, se incluem, pelo valor e pela importância, os edifícios teatrais.”

No início do século XX Senhor do Bonfim ainda não tinha uma casa de espetáculos formal. O Cinema Brasil²⁰⁵, por exemplo, funcionou pouco mais de um mês no “vasto salão do edifício municipal” (Cinema Brasil. Correio do Bonfim, n. 11, 08 de

²⁰⁵ O Cinema Brasil funcionou na cidade entre novembro e dezembro de 1912, mantido pela empresa Castro Irmãos, com sessões que aconteciam as quartas e domingos, das 20h00 às 22h00. No quinto dia de funcionamento exibiu 06 filmes, entre eles *Rival de Satanás*. No final de dezembro, os irmãos Castro viajaram para a cidade de Serrinha.

dezembro de 1912, ano I, p. 3), onde também funcionava um “teatrinho” (Sociedade 25 de Janeiro. Correio do Bonfim, n. 50, 07 de setembro de 1913, ano I, p. 2). Mas a cidade já ansiava por um teatro: “Consta-nos com bons fundamentos que em janeiro próximo recomeçarão os trabalhos da construção do nosso teatro, notícia que jubilosos nos apressamos a dar, fazendo votos para que, sem interrupção, continuem os serviços dessa obra que será o *atestado vivo do nosso grau de civilização.*” (Grifos meus) (Theatro. Correio do Bonfim. Senhor do Bonfim, n. 10, 1º de dezembro de 1912, ano I, p. 3). Em todo o Brasil, o edifício teatral era importante signo da cultura urbana (LANFRANCHI 2001 *apud* SERRONI 2002, p. 21). Esta alegria demonstrada na nota acima nos faz pensar sobre os homens e mulheres que viviam em Senhor do Bonfim na época, pois segundo Ratto, (2001 *apud* SERRONI 2002, p.17):

Teatro é edifício que abriga vidas fictícias em permanente renovação. Teatro é edifício e, como tal, pertence à *polis* que abrange todas as motivações e as lógicas dos homens que lá moram.
A *polis* fecha em seu cerco tudo o que diz respeito à vida dos homens que lá vivem. A cidade terá sempre, para existir, uma igreja, uma praça, uma cadeia, um hospital, um mercado e, também, um teatro.

Talvez por isso o orçamento da receita e despesa do município para o exercício de 1913²⁰⁶ tenha liberado recursos para as obras do teatro, 5 ações a cem mil réis, valor que correspondia a 10% do dinheiro investido nas obras públicas do município e a 1% da despesa total prevista para aquele ano. Para se ter uma melhor idéia da quantia basta dizer que era equivalente a um ano de salário do porteiro da Secretaria da Intendência (Orçamento da receita e despesa do Município do Bonfim para o exercício de 1913. Correio do Bonfim, n. 13, 22 de dezembro de 1912, ano I, p. 3). Por esta e outras razões

²⁰⁶ Na época o Intendente Municipal da cidade era Manoel Francisco Cavalcante. Silva (1971, p. 101) lembra que, “Sob o regime republicano, os municípios passaram a ser governados por Intendentes...”

o projeto desta casa de espetáculos esperaria mais de uma década para ser finalmente concretizado.

A Sociedade 25 de Janeiro mantinha um grupo dramático e tinha uma sede que, ao que parece, não era apropriada para as representações teatrais, pois na ocasião da apresentação do drama *Bohemia*, em 03 de agosto de 1913, sua filarmônica “[...]... executou nos intervalos bonitas peças, tenho sido acompanhada, ao findar o espetáculo, até o seu edifício, entrevistas entusiásticas. [...]” (Sociedade 25 de Janeiro. Correio do Bonfim, n. 46, 10 de agosto de 1913, ano I, p. 2)



Figura 51 - Edifício Municipal, prédio que também abrigava um "teatrinho", início do século XX (Fonte: acervo Meló Carvalho).

Mas seriam as “gentis interpretadoras do emocionante drama *Antonio Maciel, O Conselheiro*” (Theatro. Correio do Bonfim. Senhor do Bonfim, n. 57, 24 de agosto de 1913, ano I, p. 2), levado pela segunda vez à cena devido a insistentes pedidos, que pisariam pela primeira vez, em 08 de setembro de 1913, no novo palco da cidade – antes da inauguração oficial do espaço, que só aconteceria em 15 de novembro – no “edifício

preparado pelo infatigável Lucindo Botto, à Praça do Comércio, onde há boas comodidades, em lugar das inconveniências do teatrinho lá do edifício municipal.”(Sociedade 25 de Janeiro. Correio do Bonfim, n. 50, 07 de setembro de 1913, ano I, p. 2). Sobre isto, o Jornal Correio do Bonfim publica com minuciosa descrição:

Inegavelmente o Lucindo Botto é um espírito empreendedor.

Adquirindo ultimamente o prédio, em arrendamento²⁰⁷, do Montepio dos Artistas, desta cidade, faz-lhe o Botto uma completa reforma, preparando uma casa de espetáculos, cinematográficos ou teatrais, com todo o conforto e higiene para os espectadores, coisa que não tínhamos na terra.

O edifício, com as modificações introduzidas e com o aumento que teve, ficou dividido em 4 compartimentos folgados – o 1º ocupado com um bem preparado palco, acompanhando-lhe cenários magníficos e um pano de boca, obra bem acabada, pelo pincel competente do hábil artista decorador Leovigildo Cunha; o 2º compartimento destinado à platéia, é largo, bem arejado, e além das grandes filas de cadeiras já existentes, vai receber uma ordem de camarotes; o 3º compartimento, sala de espera, é espaçoso e preenche bem o fim a que é destinado; o quarto e último é o *Bar*. Amplo, cheio de luz e de ar, este compartimento está mesmo convidando a gente a entrar no *chop* (sic). Em pequenas mesas bem dispostas, nos intervalos dos espetáculos os frequentadores vão à cerveja gelada, ao café, ao chocolate etc. etc.

De forma que, daquele edifício feio, que para ali estava como um trambolho sem utilidade, só restam as linhas gerais, as antigas paredes fronteiras – mas muito reformadas, pintadas, demonstrando nesta rápida transformação o poder da vontade de um homem trabalhador e progressista.

O edifício, que receberá o nome de Cinema Royal, ainda não foi inaugurado o que nos priva, entretanto, de felicitar o Lucindo, fazendo votos pelo êxito da empresa a que tão corajosamente meteu ombros (Grifos do autor) (Um melhoramento. Correio de Bonfim, n. 52, 21 de setembro de 1913, ano I, p.2).

Mas o Cine-Teatro Royal (embora não tenha assumido essa nomenclatura) era, na verdade, impróprio e pequeno para os grandes espetáculos. Em 1925 – quando este espaço já havia se transformado no Cine-Bonfim – na estréia da Companhia (soteropolitana) do Teatro Olímpia, com elenco composto por 20 artistas, “[...] Num *palcosito acanhado* (...) não se podia exigir melhor representação. [...]” (Grifos meus) (Echos e Artes. Correio do Bonfim, n. 52, 27 de setembro de 1925, ano XI, p. 1). O

²⁰⁷ Em 1915 o prédio tinha o maior valor locativo da Praça Dr. José Gonçalves: 600\$000 (Município do Bonfim. Correio do Bonfim, n. 27, 04 de abril de 1915, ano III, p. 3). E em 1916, quando já estava arrendado pela empresa *Jatobá e Irmãos*, esta casa de espetáculos pagava ao município o valor de 50\$ referente ao imposto de indústria e profissão (Município do Bonfim. Correio do Bonfim, n. 25, 19 de março de 1916, ano IV, p. 3).

espaço também tinha uma porta à esquerda do palco que, no abre e fecha no decorrer dos espetáculos, desviava a atenção da platéia (Echos e Artes. Correio do Bonfim, n. 52, 27 de setembro de 1925, ano XI, p. 1.). “[...] Tivéssemos já o nosso edifício de teatro (...) melhormente compensado teria sido o esforço dos que tomaram a si a tarefa de trazer a Bonfim tão bem organizado grupo teatral. [...]” (Echos e Artes. Correio do Bonfim, n. 01, 04 de outubro de 1925, ano XIII, p. 1). Mesmo com esta hipótese levantada, é importante salientar que, como bem coloca Ratto, (2001 *apud* SERRONI 2002, p.17)

Os projetos de salas de espetáculos luso-brasileiras sempre deixaram um espaço reduzido para as preocupações de caráter técnico, delegando a procuradores a responsabilidade do aspecto social do edifício, de sua beleza, de sua elegância, de seu conforto hospedeiro. Acústica e visibilidade nunca nortearam os projetos, a não ser sob o aspecto de preocupações que não prejudicassem o conforto indispensável de uma platéia seleta.

Sobre as datas de criação desses espaços, na cidade, da primeira metade do século XX, Silva (1971, p.163) diz que:

O primeiro cinema inaugurado foi em 17 de novembro de 1912. Cinema Brasil, da empresa Castro Irmãos. O segundo, em 16 de novembro de 1913. Cinema Royal, de Lucindo Bôto, com o técnico Jaime Araújo. Depois, o Cine Bonfim, de Manoel Carvalho Fonseca, Cinema Confiança, de Flávio Silva, Cine-Teatro São José, dos Irmãos Esteves, em 17 de dezembro de 1927, e Cinema Popular, em novembro de 1928.

A presença do teatro na cidade – bem como das outras formas de expressão artística – e o aparecimento de espaços de consumo de bens culturais são vistos como similares à evolução dos meios de transportes, e caracterizados como fenômenos do desenvolvimento, como mostra a nota publicada ainda em 1913: “As ruas estão infestadas de cães, porcos e jumentos... O Sr. Fiscal Geral bem podia se lembrar que isso está em desacordo com os cinemas, os dramas, as filarmônicas, as ferrovias e os *autos!*... Que diabo! Pois isso vai ou não vai em progresso?” (Grifo do autor) (Pelas

Ruas. Correio do Bonfim, n. 7, 09 de novembro de 1913, ano II, p. 2). O mesmo jornal, em crítica destinada ao espetáculo *O Salteador*, em 1914, comenta: “[...] Há, em nós, apenas, o desejo de ver em honroso destaque, mesmo entre nós, os dignos moços que desviando-se das doutrinas retrógradas que predominam infelizmente, na nossa sociedade, tanto se esforçam para ter vida, aqui, a bela arte dramática.” (Theatro. Correio do Bonfim, n. 22, 22 de fevereiro de 1914, ano II, p. 2).

A princípio a empreitada da construção do “teatro, propriamente dito” (Cenário Social. Correio do Bonfim, n. 32, 08 de maio de 1921, ano IX, p. 1), estava sob a responsabilidade da Companhia do Teatro Tiradentes e não vingou, certamente, porque ela foi extinta (Hospital N. S. da Piedade. Correio do Bonfim, n. 50, 08 de setembro de 1918, ano VI, p.1.). De qualquer modo esse dado é estimulante para a história, pois um edifício teatral, ou, como neste caso, a sua necessidade demonstrada, é um documento incontestável da presença da atividade teatral em um lugar (RATTO, 2001 *apud* SERRONI, 2002, p. 17). Segundo Guzik (*apud* SERRONI 2002, p. 13) “[...] Não poucas vezes os teatros surgiram por iniciativa da sociedade. Foi o movimento de cidadãos de Fortaleza que levou à construção do Teatro José de Alencar, na capital cearense. [...]”.

Não é possível trazer mais informações sobre a referida companhia e os seus integrantes, muito menos precisar o início da construção do edifício teatral que desejavam fazer, exceto que é anterior ao ano de 1913, quando a prefeitura investiu em “Ações do Teatro” (Orçamento da receita e despesa do Município do Bonfim para o exercício de 1913. Correio do Bonfim, n. 13, 22 de dezembro de 1912, ano I, p. 3), mas neste período os trabalhos da sua construção seriam recomeçados (Theatro. Correio do Bonfim. Senhor do Bonfim, n. 10, 1º de dezembro de 1912, ano I, p. 3), o que valida a hipótese de ele pode ter começado a se concretizar, literalmente, ainda no

século XIX. O abandono das obras do Teatro motivou Gil Gaio (Sovas e Trovas. Correio do Bonfim, n. 25, 17 de março de 1918, ano VI, p. 1) a escrever os seguintes versos no início de 1918:

O edifício do futuro teatro é agora curral²⁰⁸ de vacas...

Esse progresso da cidade espanta!
A cousa é de assombrar!
A vontade do povo agora é tanta
Para a velha cidade alevantar,

Que a gente não se entende com os aspectos
Da grande variedade dos projetos...

Dona intendência água promete dar
E agora dar a luz, também promete...
Salvo seja, a cidade vai gozar
Aquilo que de há muito lhe compete

Pela alta posição
Que ocupa ante o governo da nação...

O teatro que há muito *adormeceu*
Antes de *gatinhar*,
De vacas em curral se converteu,
Numa transformação de embasbacar...

Mas dizem que o terreno ficará
De tal forma adubado,
Que um pouco de trabalho e de cuidado
E a planta extinta ressuscitará...

E se isto acontecer
Vamos aquelas vacas bem dizer...

²⁰⁸ No final de 1928, o Intendente Salustiano Figueiredo, ainda pede, por editais, à população pela “[...]... extinção dos célebres currais do perímetro urbano... [...]” (O município. Correio do Bonfim, n. 12, 16 de dezembro de 1928, ano XVI, p. 1). Mas “Insistem diversos vendedores de leite em manter currais dentro da cidade, vendo-se diariamente, pela manhã e á tarde, passarem vacas ás dezenas...” [...]” (Cidade... campo!.Correio do Bonfim, n. 2, 05 de outubro de 1930, ano XVIII, p.4) E já no final da década de 1930, apesar dos “[...]... velhos hábitos que vão desaparecendo , perdura o dos ‘currais’ no seio da *urbs*.” (Velhos hábitos. Correio do Bonfim, n. 27, 02 de abril de 1939, ano XXVII, p. 2). O que causa contrariedade pois uma “[...]... cidade com cinema e luz elétrica, não é mais aldeia onde a engorda de suínos e o leite de vacas curraleiras estejam a positivar o ruralismo da região... Conservemos os costumes que a tradição espelha, que reflitam o que de bom há no passado, mas vamos deixando aquilo que a cidade não pode manter mais especialmente quando a higiene e o progresso condenam. [...]”. (Incompreensão. Correio do Bonfim, n. 30, 20 de abril de 1941, ano XXIX, p. 2).

Os versos “O teatro que há muito *adormeceu*” e “E a planta extinta ressuscitará...” indicam-nos sinais de tempo e do tempo, que certamente não foi pouco desde a sua idealização.

Ainda em 1918, a recém fundada Irmandade Nossa Senhora da Piedade²⁰⁹ demonstrou interesse no “curral de vacas” como mostra matéria publicada no Correio do Bonfim:

Cogita-se atualmente, nesta cidade, de passarem ações da extinta ‘Companhia do Teatro Tiradentes’ cujos fins nunca chegaram a ser realizados, para a nova Irmandade Nossa senhora da Piedade, encarregando-se essa filantrópica associação de terminar as obras do prédio do nosso teatro, paralisadas há tanto tempo.

A iniciativa desse empreendimento, justa é dizê-lo, cabe ainda àquele a cujo esforço devemos hoje a realidade do nosso hospital – O Farm. José Cupertino Duarte Simões.

O projeto encerra em si a dupla vantagem de – dotar a nossa terra de um melhoramento de palpitante necessidade e, ao mesmo tempo, constituir uma fonte de renda segura para a manutenção do hospital da referida irmandade, prestes a funcionar.

É um apelo muito justo o que fazemos aos possuidores das ditas ações, as quais estão hoje quase completamente desvalorizadas, para que as ofereçam à caridosa instituição, a fim de que aqueles que tiveram tão generosa e elevada idéia possam por em prática o projeto – grandioso por certo numa cidade onde quase tudo está por fazer, relativamente a melhoramentos de interesse público.

Que sacrificio pode representar, para os possuidores de tais ações, a dádiva generosa que vai contribuir para a realização de importante obra que toda a cidade culta possui, além de constituir uma contribuição certa para dar vida à nossa casa de caridade?

Pensamos até que, independentemente de qualquer solicitação, todos os acionistas devem, espontaneamente, num só gesto elevado e belo, fazer esta doação, à frente das quais se colocaria a Municipalidade com as suas dez ações integralizadas.

Não temos aqui uma casa de teatro digna desse nome.

O prédio onde assistimos algumas representações é anti-higiênico, impróprio, inconveniente. No entanto, o edificio começado do nosso teatro, segundo a planta que é excelente, preenche todos esses requisitos e com a sua conclusão virá aformosear um dos mais bem situados trechos da cidade.

²⁰⁹ Esta irmandade foi fundada em 1918, mas as ações em prol da fundação de um hospital filantrópico já aconteciam desde 1912, lideradas pelo farmacêutico bonfinense José Cupertino Duarte Simões, sobrinho de Joviniano A. Pereira Duarte. O movimento pelo “hospital de caridade” recebia doações de particulares bem como de recursos vindos de sessões de cinema, desde o Cinema Royal, de espetáculos teatrais, sorteios, quermesses, etc. Além da doação do teatro, a organização recebeu do Capitão João Alves Maciel, uma chácara à Rua Padre Severo, onde seria reformado o prédio existente para a instalação do Hospital Nossa Senhora da Piedade, inaugurado no final de 1919. Alguns dos proprietários da casa onde funcionava inicialmente o Royal (depois Cinema Confiança, Cine-Bonfim e Cine Popular), ex-sócios da extinta Sociedade Montepio dos Artistas Vilanovenses, também doaram as suas partes do imóvel ao hospital.

Eia, senhores! Já que se ventilou o assunto é malhar o ferro enquanto está quente.

Avante com o projeto, a bem dos nossos créditos de gente civilizada, a bem da estética da cidade, a bem da associação que há pouco se constituiu para minorar o sofrimento dos infelizes desprotegidos da sorte! (Hospital N. S. da Piedade. Correio do Bonfim, n. 50, 08 de setembro de 1918, ano VI, p.1).

O assunto da construção do teatro era recorrente não só pela perspectiva de urbanização daquele trecho da cidade, mas também pela necessidade de um edifício que atendesse as especificidades teatrais haja vista as questionáveis condições de representação²¹⁰ no “teatrinho” do Confiança que impediam inclusive a montagem de alguns gêneros, como o teatro de revista:

Bonfim já merece o direito, o direito inegável, de uma casa de espetáculos na altura do seu valor e da sua real importância.

Já não falo simplesmente de uma casa de cinema. A com que a sorte nos favoreceu é, realmente, aquém, muitíssimo aquém, da nossa vida social e elegante, que não pode nem é possível suportar por mais tempo uma ofensa tamanha ao nosso reconhecido bom gosto e à nossa relativa civilização. Aquele pardieiro oco, estreitíssimo, sem declive, sem arejamento, sem comodidade; cadeiras, umas de couro, pequenas que nos unem aos espectadores como sardinhas em caixa; outras que nem isso são, porque é uma tábua sobre duas forquilhas disfarçadas – devem desaparecer quanto antes porque não se equilibram com o brilho da nossa vida social, com a propensão que temos para nos divertirmos com decência, com a leva crescente de *habitués* que forçosamente afluem às íngremes seções de oito em oito dias...

Já não me refiro diretamente a isso; mas a uma casa de espetáculos, um teatro, propriamente dito.

Por que já não o temos? Já devíamos tê-lo. É preciso que o tenhamos! Para isso é só necessário a boa vontade dos patrícios, que aqui nasceram, e dos estranhos, que aqui estão.

A de um teatro, sim é, uma falta que nos humilha. Tendo-o, não faltarão quem lhe povoe o palco e a platéia.

Para esta já temos de natureza; para aquele, não nos faltarão companhias e, quando não, quem crie e produza por aqui mesmo... Francisco Simas, patrício, tem uma peça “Fantasio” e uma revista de assuntos locais que não cabem na estreiteza dos nossos palcos, porque exigem extensão de cenários e pessoal em quantidade...

Por que não o promove certamente quem o devia promover – a Intendência? Seria uma ótima fonte de renda municipal.

Por que não o promove a atual detentora das ações do já começado – a Irmandade do Hospital? Seria uma forte garantia para a sua existência futura.

²¹⁰ Mesmo no Rio de Janeiro – onde a vida cultural se agitara desde a vinda da Família Real – não eram nada favoráveis as condições de representação na virada do século XIX para o século XX (REIS, 1999). Em 1927 Ignotus diz em sua crônica que o Cine-Bonfim “[...]... necessita com urgência de duas coisas: primeira – ventiladores, segundo – serviço de policiamento, pois que além do calor sufocante, o cheiro nauseante de cigarros, dos chamados mata ratos, é simplesmente insuportável, abominável.” (Crônica Bonfinense. Correio do Bonfim, n. 15, 09 de janeiro de 1927, ano XIV, p.1).

Por que o não promove a ilustre classe de estrangeiros das Obras Conta as Secas? Seria um rastro brilhantíssimo de sua passagem por esta terra...
É só boa vontade, patriotismo e benevolência para nós, que merecemos.
(Cenário Social. Correio do Bonfim, n. 32, 08 de maio de 1921, ano IX, p. 1).

Em 1924, ainda adolescente, o ator amador José de Assis Valente foi eleito um dos secretários da Irmandade Nossa Senhora da Piedade – a qual detinha as velhas ações do teatro em construção – para a gestão de 1925 (Irmandade N. S. da Piedade. Correio do Bonfim, n. 11, 07 de dezembro de 1924, ano XI, p. 1). Na ocasião, o compositor posteriormente consagrado pela voz de Carmem Miranda, integrava o Grupo Teatral Amantes da Arte²¹¹ e dedicava-se à pintura²¹². Silva (1971, p. 164) confirma que:

Nessa época, residia em Bonfim, Assis Valente, já demonstrando os seus pendores artísticos e literários e que se tornou famoso com os seus apreciados sambas ‘Papai Noel’, ‘Camisa Listrada’ e outros. Assis Valente, Ceciliano Guimarães, Napoleão Pinto²¹³ e Isa Torres compunham aquele grupo e interpretaram as novelas de Francisco Simas com perícia, levando a sua representação a outras localidades, sempre com sucesso.

Na mesma ocasião, o Cônego Tolentino Silva foi reeleito provedor da Irmandade (Irmandade N. S. da Piedade. Correio do Bonfim, n. 11, 07 de dezembro de 1924, ano XI, p. 1) e vendeu à iniciativa privada as ações anteriormente doadas a esta organização não-governamental para os fins já mencionados²¹⁴. “Essa pia instituição, em Assembléia

²¹¹ Participou dos espetáculos *As máscaras*, de Menotti Del Picchia e *Noiva sob medida*, de Francisco Simas, ambos em 1924, além dos números: *Mulata* e *Samba* “[...]... em que Valente se destacou numa estréia promitente. [...]” (Teatro. Correio do Bonfim, n. 3, 12 de outubro de 1924, ano XI, p.1) Mais tarde Assis Valente estaria – ao lado de Ari Barroso, Sinhô e Noel Rosa – entre os principais nomes que compuseram músicas para o Teatro de Revista brasileiro (GUINSBURG, J. *et al.*, 2006, p. 271). Ainda foi autor de peças para este tipo de teatro, escrevendo, entre outras, a revista *Rei Momo na Guerra*, em parceria com Freire Júnior, em 1943 (Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Assis_Valente#Biografia_atribulada> Acesso em 16.01.2008).

²¹² Pintou um quadro representando a cena final de *Quadro de Amor* - que integrou o cenário da peça – e participou de uma exposição coletiva com Lafayette Ventura e João Leal no salão de espetáculos do Cine-Bonfim, em 19 de outubro de 1924.

²¹³ Napoleão Pinto, junto às professoras Aurélia Pitanga e Maria do Carmo Ramalho, passaria a dirigir, de 1926 a 1927 um grupo de teatro de crianças, levando ao palco do Cine-Bonfim espetáculos compostos de pequenos monólogos, canções, comédias e revistas.

²¹⁴ Em junho de 1925 a Irmandade consegue autorização, através de lei sancionada pelo Intendente Augusto Sena Gomes, para a construção – isenta de impostos – do novo cemitério da cidade e exploração

Geral (...) aprovou o ato do sr. Provedor vendendo por 3.500\$000 ao sr. Francisco Gonçalves da Silva, os materiais do Teatro não acabado, à Rua Francisco Vital, cujas ações foram doadas à irmandade... [...]” (Irmandade N. S. da Piedade. Correio do Bonfim, n. 42, 19 de julho de 1925, ano XI, p. 1). Este, por sua vez, revendeu o espaço para Manoel Fonseca, um dos sócios do antigo Cine-Bonfim que, como os primeiros mobilizadores do projeto, foi buscar as condições necessárias para a realização da obra, inclusive junto à Municipalidade:

Agora, notícia alviçareira agita a cidade: graças á iniciativa do Sr. Manoel Fonseca, apoiado por seu pai Sr. Maj. João Fonseca, vamos ter um edificio apropriado para Cine Teatro²¹⁵.

O local, que já foi adquirido, não podia ser melhor – fica no lugar onde existem paredões de um teatro começado e não acabado, no trecho onde se encontram as Ruas Cônego Hugo e Francisco Vital e travessa Benjamim Constant.

O Sr. Fonseca, a quem Bonfim deve esse grande passo para o seu progresso, pretende começar os trabalhos brevemente e já se dirigiu à Municipalidade pedindo os favores que por certo lhe serão dados, como um bom estímulo para a referida obra.

É um velho sonho que a nossa terra alimenta e que vai passar ao domínio da realidade.

Estão de parabéns todas as pessoas que concorreram para a aquisição do local, que pertencia ao cel. Francisco Gonçalves da Silva, por venda que lhe fizera a Irmandade N. S. da Piedade, pelo orgam de seu provedor Cônego Tolentino Silva; estão de parabéns, repetimos, pelo êxito do seu esforço e muito especialmente ao nosso conterrâneo Manoel Fonseca, pela tarefa a quem em boa hora vai meter ombros. (Notícia auspiciosa. Correio do Bonfim, n. 46, 16 de agosto de 1925, ano XI, p. 1).

A obra do Cine Teatro, junto a outras construções que se erguiam na cidade na ocasião, daria à cidade um aspecto de vida nova, ao tempo em que iam desaparecendo as ruínas causadas pelas chuvas excessivas de 1924. (Notícia auspiciosa. Correio do

privilegiada dos serviços funerários referentes ao transporte dos fêretros e enterramento. O texto da lei explicitava que em caso de dissolução da Irmandade o cemitério passaria a ser de propriedade do município. Pouco tempo depois da aprovação da lei, a Irmandade desistiu da construção do teatro, talvez por encontrar no novo investimento uma boa perspectiva de renda. Em 1930 a organização também desistiu do empreendimento da construção do cemitério.

²¹⁵ Mas não era apenas Bonfim que estava se movimentando neste sentido, em 11 de outubro de 1925 foi inaugurado na Vila Miguel Calmon, na região de Jacobina, o Cine-Teatro Zulmira, uma propriedade da firma Paranhos & Britto. (Vila Miguel Calmon. Correio do Bonfim, n. 3, 18 de outubro de 1925, ano XIII, p. 2).

Bonfim, n. 46, 16 de agosto de 1925, ano XI, p. 1). Lanfranchi (2001 *apud* SERRONI 2002, p. 21) diz que:

[...] Se o teatro é percebido como integrante fundamental do conjunto de edificações que determina o caráter da cidade, e lhe empresta o *status* social e cultural natural de seu desenvolvimento, também pode-se dizer que a existência do edifício teatral só se justifica e se torna possível a partir da existência desse contexto – a cidade e seus cidadãos – da qual se torna, inseparável e reciprocamente, representativo.[...]

Corria o ano de 1927²¹⁶, finalmente faltando pouco para a concretização do velho projeto e os dados técnicos davam a dimensão da obra, porém a esta altura, o futuro teatro já tinha novos donos, desta vez, os irmãos Esteves:

Uma velha aspiração desta terra está prestes a se concretizar – um teatro, mas um teatro de verdade.
 Nosso conterrâneo sr. dr. Francisco Esteves da Silva, associado aos seus irmãos Arnaldo e Juvenal Esteves, está construindo um edifício próprio para Cine-Teatro, que, no gênero, vai ser o melhor do interior do Estado.
 O Cine-Teatro São José, como será denominado o estabelecimento, está situado admiravelmente em ponto central da cidade.
 A construção iniciada há apenas alguns meses, marcha rapidamente, obedecendo à planta de estilo moderno com todas as exigências de arte e higiene.
 É um prédio cujas linhas de severa imponência já estão a revelar a beleza magnífica da obra.
 Ocupa uma área de cerca de 42 metros por 12, e dispõe de acomodações para cerca de 800 espectadores, com linhas de camarotes e divisões esplendidamente delineadas.
 A planta é do nosso digno conterrâneo Gustavo Umbuzeiro, residente no Rio, ligeiramente modificada pelo sr. Eng. Álvaro da Cunha Mello.
 Os parabéns que a iniciativa está a provocar, não são somente do dr. Esteves e seus irmãos: são também desta bela terra, fadada a ser o melhor e mais firme centro irradiador do progresso desta zona do sertão baiano.[...]. (Uma obra de vulto. Correio do Bonfim, n. 31, 1º de maio de 1927, ano XIV, p. 1).

Finalmente, em 17 de dezembro de 1927, quase 15 anos depois das primeiras notícias do seu projeto, é inaugurado²¹⁷ o Cine-Teatro São José²¹⁸, dos Irmãos

²¹⁶ Neste período a cidade tinha “... cerca de 15 carros de praça e particulares fonfonam diariamente, comunicando por estradas boas com localidades distantes, positivando o progresso pelas realizações alvissareiras.” (Correio do Bonfim, 01/10/1926).

²¹⁷ Segundo S. Filho (s/d, p.111) “... quando fora exibido o filme *Ira Maldita*, um caubói, estrelado por Eddie Poly.”

²¹⁸ Apesar da diversificação temática e de gênero artístico, a presença do melodrama ainda é uma realidade, em número bem menor, é certo, como se observa nos títulos dos filmes exibidos no Cine-Teatro São José: *Águias de guerra, A peso de coragem, Reaparição do cavaleiro das sombras, Preço de um juramento, Mãe e mártir, De volta ao paraíso, Devoção e amor, A cabana do Pai Tomás, Aventuras de um repórter, Encantos à beira mar, Vitória do Bem, Juliano e Apóstata, Peixe dourado, Varieté, Argúcias de Cupido, Manon Lescaut, Papai!, Os bombeiros, Um baile a convite, Estrada da morte, O rei do futebol, Jornal Tuney e Dempsey, Sonho de valsa, Papagaio chinês, Nobreza, No gabinete do dr. Galigari, Ai que calças!, Fausto, Princesa das Czaradas*, (1928); *Heróis de uma noite, Mil contos de prêmio, Ivan – o terrível, O filho de Scheike, A princesa e o violinista, Amor e ingratidão, Jurado n. 13, A dançarina de Montmartre, Carrasco de Santa Maria, Patrulha aérea, Passado de um homem, A prova de coragem, Escudeiros da lei, Uma luta no ar, Amante irresistível, O vigilante de confiança, Atração da farda, Varieté, O vale da morte, Viva a canção, Oh Doutor!, O garganta, Prenda este homem, Rei das campinas, Casanova ou Príncipe dos amantes, Hei de casar, Ciclone, Mas que pirata!, A alma de uma nação, Os três lutadores, Rosa da meia noite, Pé de vento, Mãos para o ar, Veneno do Jazz, Silêncio eterno, Casamento, O barqueiro do Volga, Knock-out, Quanto custa um mau passo, Liberdade da imprensa, Forasteiros em Paris, Pó do deserto, O Corcunda de Notre Dame, Os mártires da fé, Perseguido da sorte, Torrente de chamas, A caça de um marido, Príncipe dos amendoins, Ninhos de amor, O fantasma da ópera, Com medo das mulheres, Amor até a morte, Proezas de estudantes, Coristas sedutoras, Caçula, Entre 2 amores, Preço do medo, Rosa da Irlanda, Mulher fatídica, Noiva do mar, As pegadas do tigre, Um Marquez em comandita, Garotas em farra, Depois das trevas ou A vida de São Francisco de Assis, Drama da noite* (1929); *Lua de Israel, A Ilha maldita, Fera do mar, Inútil sacrifício, Vingança de amor, Linda, Divina Dama, Mistérios do bairro chinês, A marcha nupcial, Labirinto de Nova York, Loura e sapeca, Regeneração, Jardim dos amores, Aviador misterioso, Dagfin, Paris em contrabando, A venenosa, Metrôpoles, Estudantes atletas, Uma dubarry moderna, Esposa ou amante, Regina ou Torturas de um coração, Embriaguez da mocidade, O fanático, Sob o olhar de Deus, Mão sinistra, Almas escravizadas, Os três filhos de ninguém, Por que me tentas mulher?, A favorita de S. Exa., A rainha do balneário, Abutres do mar, A fraude, Isso é que se chama amor, Bairro da perdição, Sonhos de carnaval, Perseguido da sorte, Amor perseguido, O rei dos diamantes, Poder oculto, Mulheres que ousam, Rasputin e as mulheres, Vida e milagres de Santa Terezinha, No volante da vida, Linha do perigo, Tartufo, Aos pés do altar, Deve uma moça casar-se?, Submarino, Fogo do amor, A garota da revista, A grande guerra, Princesa do circo, O canto do prisioneiro, Condição: solteira, O harém da morte, O homem sem rosto, Monte sagrado, Safo, Cadeias do amor, Em seara alheia, Rapsódia húngara, Águia da noite, Médico de senhoras, Traição, Romance de uma princesa, santa Simplicia Sob a águia imperial, Madame Recamier, Piratas modernos, Quadrilha dos sapos, Luz que purifica, O estudante mendigo Noites em Broadway, Saudade, Perdoa-me!* (1930); *Filhas do desejo, Grande aventureira, Voando alto, Quasimodo, Transformação, Noiva do casado, Vagabundo gentil-homem, Pai e filho, Casamento provisório, Papais de Broadway, Moços de outrora, Rosas de outono, Vendaval da sorte, Pintando o sete, A mulher que eu amo, Nada para vestir, O covarde, Quando as estrelas brilham, Rua da Ilusão, Moralistas em apuros, Ciúmes, A casta Suzana, Sombra do passado, As grandes manobras do amor, Sangue vienense, Chacal amoroso, Rainha do pacífico, Vida nova, Cuidado com os casados, Escrava do ouro, Os condenados, Senhorita Futilidade, Pequenas transviadas, Amores de Carmem, Paguem na entrada, Arte de amor ou Caça dote, Camarada é camarada, Marido sem uso, Rei por amor, Rosa encantadora, Decadência humana, Quando o amor é sincero, Furacão, Rua do perigo, Juventude inquieta, Agonias de Jerusalém, Vivendo a vida, Boêmios* (1931); *O álcool, Sedução do circo, O 7º mandamento, O poder da fé, Sherlock falsificado, A invernoada, O que os homens querem, O Czar de Broadway Alma redentora, Um bom negócio, Desejos da mocidade, Rapa-Nui, Tráfico das brancas, Tempestade, Os fugitivos, Máscara do amor, Os matutos, Vida de Cristo, O bruto, Anita Garibaldi, Verdadeiro Céu, O festim do forasteiro, Lobo social, Rosa branca, Sacrifício do amor, O homem mecânico, Tirano e mártir, O monstro do circo, Paixão que mata, A rainha das coristas* (1932); *O nível do amor, Ladrão de casaca, O segredo dos cinco mascarados, Rasputin, A última noite dos diabos voadores, Escrava do terror, O cão de Baskerville, Crucificada, Por que choras palhaço?* (1933); *Sóror Angélica, Folias transatlânticas, Rainha da armada, Canção materna, Regimento sinistro, Café metrôpole, A caixa do tesouro, Juventude dourada, O crime do Grande Hotel, Sua alteza – o garçom, A patrulha da fronteira, Dormitório de moças, O último pagão, A decidida, O crime do Dr. Crespi, Tarakanova, Ali Babá é boa bola, Modelo de tentação, Agora e sempre, O morto ambulante, Difícil de lidar, Tempos modernos, 23 horas e meia de licença, Gado bravo, Romance entre balas* (1939); *E as chuvas chegaram, 39 degraus, Bloqueio, Suez, Sombra sobre a África, Sebastopol, Capitão Blood, Conquistadores do ar, Confissão de mulher, Brigada selvagem, Scheik – o conquistador; Vida, paixão e morte do Nosso Senhor Jesus Cristo, Kátia* (1940); *Jovem no coração, Oitava esposa do Barba Azul, Alta*

Esteves²¹⁹ (SILVA, 1971, p. 163). Senhor do Bonfim agora era uma cidade “[...]... com mais de duas mil casas, onze a doze mil habitantes, uma sociedade culta, um comércio com transações anuais superiores a dez mil contos (...) tendo o melhor cine-teatro do interior...” (Assim, não! Correio do Bonfim, n. 03, 14 de outubro de 1928, ano XVI, p. 1). Nesse período a cidade vai ter, concomitantemente, por um curto intervalo de tempo, duas casas de espetáculos. Com o sugestivo nome de Cine-Popular²²⁰ “... e sob a propriedade do sr. Hermancio Santos, começou a funcionar nesta cidade, no dia 1º (de novembro de 1928), novo estabelecimento cinematográfico, no antigo prédio do ex-Cine-Bonfim. [...]” (Cine-Popular. Correio do Bonfim, n. 06, 04 de novembro de 1928, ano XVI, p. 1)²²¹.

tensão, Se eu fora rei, A princesa e o galã, A vida de Vernum e Irene Castle, Tráfico humano, Heroína do Texas, Rebeca, O morro dos ventos uivantes, A verdadeira glória, Caravana de ouro, Florisbela, Uma noite em Changai, O homem imortal, Ventura roubada, Perfume delator, Primeiro delito, Legião negra, Vida de pescador, Esquecer nunca; Meu filho, meu filho; Marca do Zorro, Aliança de aço, Aves sem ninho, O despertar do mundo, Criada para amar, Terror dos maridos (1941); San Quintin, Nas malhas da espionagem, Correspondente estrangeiro, Berço de estrelas, Filhos sem lar, Estalagem maldita, Cidadão Kane, O grande Garrick, Escravos do desejo, Solteira por capricho, A mulher faz o homem, Vale dos gigantes, Lembre-se daquela noite, Nossa Senhora de Paris, Paixonite aguda, Maridos costum caros, Suez, Garota da 5ª Avenida, Última confissão, Esposa de mentira, Sombras da noite (1942); Charlie Chan no Rio, Estrada da santa fé, Homens heróicos, Sacrifício glorioso, Tudo por um beijo (1943). Importante dizer que a maioria esmagadora destes filmes era estrangeiro, sendo, algumas vezes, exibidos com “complemento nacional”.

²¹⁹ Francisco, Juvenal e Arnaldo Esteves.

²²⁰ Como cinema funcionou por dois meses apenas, de 1º de novembro a 30 de dezembro de 1928. Como teatro funcionou esporadicamente no ano de 1930. Em janeiro de 1931 o jornal Correio de Bonfim anuncia semanalmente, durante 2 meses, que “Vende-se um cinema portátil, alemão, com resistência de 410 volts para 6 e 8 volts, funcionando bem com acumulador, uma tela prateada, 3 lâmpadas e alguns filmes bons. Preço sem diferença 800\$00. Modesto Motta – Bonfim.” (Bom negócio. Correio do Bonfim, n. 15, 11 de janeiro de 1931, ano XVIII, p. 3). Parece tratar-se do Cine-Popular. Ele, que também exibia “jornais” como complemento das sessões. Ente os filmes exibidos no Cine-Popular, estavam: *A Virgem da Penha, Memórias do Diabo, Os milhões de Kaduing, Champagne Caprice, Anjo das ruas, Prova de fogo, Mulher comprada, Sonho e destino, Príncipe Fazil; Juventude, Amor e Ambição, Um namoro acidentado, Mão de mestre, Patrulhas da meia noite; Nascimento, vida, paixão e morte do N. S. Jesus Cristo, Homens do mar (1928).*

²²¹. Existe, no entanto, uma informação que se choca a esta, pois para Santos Filho (s/d, p. 111), “Constituindo-se um prolongamento do Cine Teatro São José, o Cine Popular, ao lado, destinado ao povoão, também funcionava por toda semana e nas tardes de domingo, ou seja, nas matinês, para crianças.”



Figura 52 - Cine-Teatro São José, 1927 (Fonte: acervo do Colégio Estadual Júlio César Salgado)

A inauguração do Cine-Teatro São José dividiu, em alguma medida, as diversões antes ocorridas no “Largo do Cine-Bonfim”, entre aquele lugar e a parte da cidade onde estava situada a nova casa de espetáculos, à qual, inclusive, daria o nome: o “Largo do Teatro²²²” que mais tarde se transformaria na praça Dr. Antônio Gonçalves da Silva. Sobre este acontecimento Lanfranchi (2001 *apud* SERRONI 2002, p. 21), de forma muito perspicaz, observa que:

A leitura desse fenômeno possui uma infinidade de recortes, mas um dos mais importantes, já que estamos tratando de teatros e de suas cidades, é o da análise dos espaços – públicos e semipúblicos – definidos a partir da implantação do edifício. As ruas, largos, pátios, praças e becos que se articulam com os volumes construídos dos edifícios teatrais desenharam, na hierarquia de espaços as suas formas de uso e formas de existência simbólica. Mais que isso, tornam-se um espelho de como representamos nossas relações com a cidade e com as representações que fazemos dela.

²²² Oficialmente: Praça Bulhões de Carvalho.

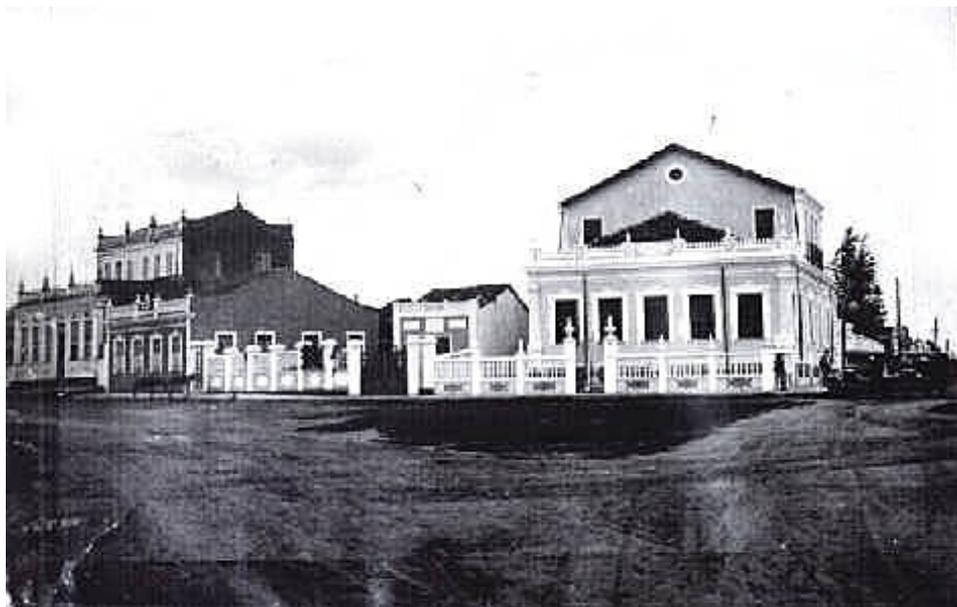


Figura 53 - Largo do Teatro, atual Praça Dr. Antônio Gonçalves, início do século XX (Fonte: acervo pessoal).

Esta reflexão serve para que pensemos sobre o que aconteceu com a atual Praça Dr. Antônio Gonçalves. No início de 1941 “A prefeitura recomeçou as obras de aformoseamento do trecho compreendido entre as Ruas Cônego Hugo, Rui Barbosa e Largo do Teatro, concluídas as quais ficarão como ponto central da urbe... [...]” (O Largo do Teatro. Correio do Bonfim, n. 17, 19 de janeiro de 1941, ano XXIX, p. 2). Com as reformas ia “[...]... ficando o Largo do Teatro e adjacências como o melhor logradouro público da cidade. [...]” (Rendas e aplicações. Correio do Bonfim, n. 41, 06 de julho de 1941, ano XXIX, p. 2). E o projeto de urbanização continuou em 1942, quando, “Com os trabalhos de calçamento e aformoseamento da Rua Cônego Hugo e Largo do Teatro, pela Prefeitura, foi retirada, afinal, aquela coisa feia que era a tal ‘Caixa Distribuidora’ da empresa de luz, ficando (...) aquele local, que vai se tornar a sala de visitas da cidade, sem ‘aquilo’ que tanto feria à estética daquele trecho da urbe. [...]”. (As caixas. Correio do Bonfim, n. 28, 05 de abril de 1942, ano XXX, p. 2). Haveria uma valorização “[...]... naquele trecho da urbe, o Colégio (Marista), o Teatro

São José, funcionando e, completando aquilo que nós chamamos de parte cultural, o aformoseamento da praça com o calçamento concluído e ao centro o busto de um homem público, o maior homem público do passado de Bonfim – dr. José Gonçalves.[...]” (Umas boas novas. Correio do Bonfim, n. 44, 26 de julho de 1942, ano XXX, p. 2). Observa-se que até meados do século XX a construção dos teatros geraram um modelo de arquitetura pública ligado às praças onde os mesmos eram implantados. (LANFRANCHI, 2001 *apud* SERRONI 2002, p. 21)



Figura 54 - O *Largo do Teatro* depois da reforma, primeira metade do século XX (Fonte: acervo de Mauro Coelho).

Além dos filmes, dos espetáculos teatrais, e das exposições na sala de espera, realizaram-se shows de música com vários artistas como Célia Bezerra (artista-mirim), João Cavaliere (o Pequeno Caruso), Maria de Lourdes Nogueira (pianista), Idherval Caldas, Bandoleiros do Norte, *Jazz Os Zíngaros* e outros. O Cine-Teatro São José exibia esporadicamente “jornais”, nacionais e internacionais, entre eles “jornais” de guerra, além disso, realizava matinês aos domingos. Em 1929, o cinema recebeu a

visita de Domingos Grecco, agente da *United Artist & Co.*, no norte do Brasil, que buscava fechar contrato para a remessa de filmes. A casa gozava de tanto prestígio que foi um dos seus proprietários, Francisco Esteves da Silva, o paraninfo da solenidade de lançamento da primeira pedra do novo cemitério da cidade, cuja construção agora era liderada pelo Padre Leonel Guimarães, através do *Apostolado da Oração*. Manteve como os seus sucessores, as portas abertas para os mais variados eventos. A década de 1930 foi um período difícil para o Cine-Teatro São José que não funcionou como nos anos anteriores, paralisando as atividades por longos períodos. Em 1932 exibiu o primeiro filme “sincronizado”, a película nacional *Os Matutos* “... mas muita gente não apreciou bem a novidade, pois fazia idéia de ‘coisa melhor’” (Cine-teatro São José. Correio do Bonfim, n. 35, ano XIX, p. 1, 1932). A partir daí os aparelhos sonoros apresentavam problemas com muita freqüência.

Quase seis anos depois, em julho de 1933, num momento em que já não tinha uma grande programação²²³, “Pessoas em evidência, em nosso meio, arrendaram o Cine-Teatro São José²²⁴, iniciando uma nova fase de bons espetáculos, não somente cingidos à exibição de filmes especiais mas também *dando vida ao velho palco emudecido há muito*”. (Grifos meus) (Cine-Teatro São José. Correio do Bonfim, n. 40, ano XX, p. 1, 1933). Depois do arrendamento – a princípio com o nome de Cine Teatro Ideal (01 mês) – os primeiros espetáculos teatrais foram apresentados pela

...Trupe irmãos Othero – pequeno elenco de artistas que, heroicamente, vem pelos sertões, despertando a velha arte adormecida dentro dos palcos fechados.

[...]... concorrendo assim para dar vida ao teatro nacional, que anda nas ruas da amargura, desde que as películas *yankees* trouxeram-nos as extravagâncias

²²³ Em período impreciso dos anos 30, o Cine-Teatro São José manteve o jornal *Bonfim Filme*, dirigido por Manoel Serapião. (Correio do Bonfim, 05/09/1941).

²²⁴ Neste período a sublocação do Teatro custava 50\$000 (Festa Chic. Correio do Bonfim, n. 2, 09 de outubro de 1938, ano XXVII, p 1).

dos seus costumes estranhos nos dramas de aventuras, filmados sem preocupações da verdadeira arte da representação. (Cine Teatro Ideal. Correio do Bonfim, n. 41, 23 de julho de 1933, ano XX, p. 1.).

A empresa arrendatária ainda “[...]... reformou a sala de espera do cinema local, dando-lhe feição moderna, com pintura leve e de acentuado bom gosto e ornamentando-a caprichosamente. [...]” (Cine-Teatro São José. Correio do Bonfim, n. 49, ano XX, 17 p. 1, 1993).

Mas a crise ia e voltava. Em 1938²²⁵ planejou-se outra fase para esta casa de espetáculos depois das inúmeras queixas pelo seu fechamento:

...o São José vai reabrir. Reabrir com importantes melhoramentos, segundo nos informa o novo empresário, nosso esforçado patricio sr. Jorge Gonçalves Filho²²⁶.

Vai sofrer reforma o mobiliário, os camarotes providos de novas cadeiras, a sala de espera dotada de grandes espelhos, o belo edifício receberá pintura interna total e os aparelhos falantes serão de uma sincronização perfeita.

Logo que esteja pronto com o asseio e pintura, o cine local entrará a funcionar às quintas, sábados e domingos, exibindo os melhores filmes da atualidade e – o que é de grande feito – a preços ao alcance de todos. (Cinema. Correio do Bonfim, n. 04, 23 de outubro de 1938, ano XXVII, p. 1).

Mas sem conseguir sanar os principais problemas do Cine-Teatro São José²²⁷, tela e palco continuavam “mudos”²²⁸, sem a planejada reinauguração, “falando” apenas em meados de 1939 com o “Festival de Arte” promovido pelo Colégio Nossa Senhora

²²⁵ No mesmo período a empresa Irmãos Costa administrava o Cine Jacobinense, na vizinha cidade de Jacobina.

²²⁶ José Gonçalves Filho era cirurgião dentista.

²²⁷ Vale dizer que a empresa recebia incentivos fiscais, pois era isenta do Imposto Predial cobrado a outros estabelecimentos comerciais pela prefeitura.

²²⁸ Em 1941 o diretor do *Correio do Bonfim* recebeu do Rio de Janeiro uma correspondência assinada por Arnaldo Damasceno Vieira e Harold Daltro, da Sociedade de Homens de Letras do Brasil, comunicando o ressurgimento da referida organização fundada por Olavo Bilac e Oscar Lopes em 1914, cujas finalidades estatutárias eram “[...] Facilitar aos sócios a publicação de trabalhos literários e artísticos. Realizar cursos, congressos, conferências, festas de arte e instituir prêmios. Prestar todo o apoio ao desenvolvimento de arte cinematográfica e do Teatro Nacional. [...]” (Ofertas e Comunicações. Correio do Bonfim, n. 23, 02 de março de 1941, ano XXIX, p.1).

do Santíssimo Sacramento²²⁹. “O espetáculo, que se constituiu de bailados, cantos, declamações, e duas comédias (...) não fosse o colapso da luz, que de alguma forma enfraqueceu o efeito das representações, no momento, nada teria para ensombrar a magnífica festa de arte. [...]”. (Festival de Arte. Correio do Bonfim, n. 35, 28 de maio de 1939, ano XVII, p. 1). Quanto ao cinema propriamente dito,

O filme de estréia foi *Sóror Angélica*, produção espanhola que agradou. A luz deficiente embarçou a inauguração do São José, impossibilitando o funcionamento da electrola (sic), bem assim os aparelhos sonoros não funcionaram bem, produzindo ainda um som baixo e imperceptível. Mas a projeção esteve ótima. (Cine-teatro São José. Correio do Bonfim, n. 36, ano XXVII, p. 1, 1939)

Na virada da década de 1930 para a década de 1940, o cinema já estava arrendado por José Cavalcante²³⁰ e as sessões semanais ocorriam com certa regularidade, apesar dos inúmeros problemas técnicos e as queixas do público, enquanto o teatro praticamente havia desaparecido. Presente apenas nas “Festas de Arte” promovidas esporadicamente pelo Colégio das Irmãs Sacramentinas com a principal finalidade de levantar recursos para a ampliação do prédio da instituição, ou doação a festas e instituições filantrópicas. Neste período “São poucas, infelizmente, as iniciativas locais de referência à arte teatral. E note-se que, cada representação, leva

²²⁹ O repertório do festival, com algumas alterações, foi reapresentado no mesmo local em 08 de setembro de 1939. (Festival de Arte. Correio do Bonfim, n. 50, 10 de setembro de 1939, ano XXVII, p. 1). No ano seguinte, as Irmãs Sacramentinas realizaram ainda no São José, um terceiro festival, no qual constou o “[...]... drama *A borboleta e a abelha*, em 3 atos, e dez números de variedades, de canto, declamação e bailados [...]” (Festival de Arte. Correio do Bonfim, n. 06, 03 de novembro de 1940, ano XXIX, p. 1). E em 1942 foi realizado mais um “Festival de Arte”, desta vez “... no salão de diversões daquela benemérita casa de educação... [...]” (Em benefício da Cruz Vermelha. Correio do Bonfim, n. 50, 06 de setembro de 1942, ano XXX, p. 1). No espetáculo chamaram a atenção “[...]... nos papéis que souberam viver – Helena Barreto, de Mucama na comédia *Perigos da educação moderna*, Helsia Duarte na figura de *Satã*, fantasia de ótimo efeito, e ainda Nadir Lobão no bailado *As setas*, de que foi o motivo principal do sucesso. [...]” (Em benefício da Cruz Vermelha. Correio do Bonfim, n. 51, 13 de setembro de 1942, ano XXX, p. 1). O espetáculo apurou “[...]... um saldo líquido de Rs 1:000\$000. [...]” (Em benefício da Cruz Vermelha Brasileira. Correio do Bonfim, n. 52, 20 de setembro de 1942, ano XXX, p. 1).

²³⁰ Mas ainda como propriedade dos Esteves. Em 1941 “O prédio do São José, graças à boa vontade do seu proprietário Sr. Arnaldo Esteves, acaba de receber nova pintura externa, apresentando belo aspecto.” (Cine-Teatro São José. Correio do Bonfim, n. 48, 24 de agosto de 1941, ano XXIX, p. 1).

sempre uma boa concorrência à casa de espetáculos de Bonfim, razão eloqüente que deveria servir de estímulo...” (Nossas Platéias. Correio do Bonfim, n. 38, 15 de junho de 1941, ano XXIX, p. 2). Segundo Duarte (1995, p. 206):

[...] os empresários de cinema ocuparam os espaços antes reservados aos espetáculos teatrais. Os antigos teatros, grande orgulho das cidades mineiras no século XIX, foram adaptados para servir somente às exibições cinematográficas, passando à categoria de cines-teatros. [...]
A denominação cine-teatro assumia um aspecto quase irônico – pois de teatro nada havia além do nome – enquanto o circo-teatro conjugava, realmente, os dois tipos de espetáculos. [...]

Essa afirmação ajuda-nos a voltar à Bonfim do início do século XX, quando o Cinema Brasil, dos Irmãos Castro, instalou-se temporariamente no Teatrinho do Edifício Municipal e abriu as portas para a criação do Cinema Royal. Caso o prédio fosse exclusivamente para representações teatrais, certamente teria se instalado ali o cinema local. Curioso é que ele e os seus sucessores – Cinema Confiança, Cine-Bonfim e Cine-Popular – que não assumiram deliberadamente a nomenclatura *cine-teatro*, realizaram-na, na prática e proporcionalmente, mais que o próprio São José, inaugurado num período em que já havia uma hegemonia do “cine” em detrimento do “teatro”. Concluimos que não foi gratuita a referência feita no jornal *Correio do Bonfim* ao São José como *Cine-Teatro Ideal*, que aparece por um curtíssimo período de tempo em 1933, justamente no momento de revitalização que se iniciou com a temporada da Trupe Irmãs Othero, um desejo ou mais uma ironia. Casos como o de Senhor do Bonfim se repetiram em outras partes do Brasil, Serroni (2002, p. 27) lembra que “O Cine-Teatro Ouro Verde, de Londrina, Paraná (...) foi projetado como um cinema e aguarda, até hoje, uma reforma mais significativa em termos de teatro. Mesmo sendo um cinema, já abrigou por mais de três décadas, com pequenas adaptações, um dos mais importantes festivais de teatro brasileiro...”

Em julho de 1942, o Cine-Teatro foi vendido pela 4ª vez, agora das mãos dos irmãos Esteves para Afonso Cavalcante²³¹ “... que há tempos vem mantendo sob arrendamento, aquela casa de espetáculos. [...]” (Cine Teatro São José. Correio do Bonfim, n. 45, ano XXX, p, 402 ago 1942):

O Edifício do Cine-Teatro São José foi adquirido e o seu novo proprietário vai reformar, para melhor já se vê, a velha casa de espetáculos, para que preencha ela, a sua finalidade.

É uma notícia que a todos alegra, pois o cinema local não se recomendava pelo conforto dos que o freqüentavam nem pelos seus defeituosos aparelhos.

Em breve, pois, teremos o que de melhor se possa desejar na casa de espetáculos local, cujo edifício magnífico nunca possuiu aparelhagem perfeita para realizar o plano primitivo dos que o construíram. [...] (Umas boas novas. Correio do Bonfim, n. 44, 26 de julho de 1942, ano XXX, p. 2.).

O objetivo do novo proprietário era criar “[...]... uma organização única no interior, com uma cadeia de cinemas em várias localidades desta zona, Juazeiro inclusive. [...]” (Cine Teatro São José. Correio do Bonfim, n. 45, ano XXX, p.4, 02 ago 1942). Assim:

Cumprindo o que prometeu, o sr. Afonso Cavalcante, proprietário do Cine-Teatro São José, já iniciou há dias os trabalhos de reforma e acabamento de dependências do magnífico edifício que nunca chegou a ser concluído.

Vêm aí, também, os novos aparelhos sonoros adquiridos, para que o cinema de Bonfim fique nivelado aos melhores do interior do Estado.

O sr. Cavalcante muito se empenha em dar ao seu estabelecimento de diversões alto grau de movimentação, estando agora mesmo à espera da *Cia Nacional de Comédias*, conjunto de famosos artistas que se destina ao Rio, o qual dará aqui apenas duas representações. (Cine-teatro São José. Correio do Bonfim, n. 01, ano XXXI, p.1, 1942).

Abrindo um parêntese, observamos que mesmo na década de 1970, o desejo por uma casa de espetáculos ainda continuava na pauta das necessidades de Senhor do Bonfim. Em 28 de maio de 1973, dia da comemoração do 88º – aniversário da

²³¹ Até a sua extinção, na década de 1980, vários nomes ainda trabalhavam pelo Cine Teatro São José, como: Aldair Sena Gomes, a Dadá, Alfredo Gandur Dacach, o “Fari”, e Marieta Machado Oliva (administração); Cremilda, Elza, Rosinha, Nice e Terezinha (bilheteria); Romo e Rubens (operadores); Mudo (portaria); e Zuza Queiróz (preparação dos cartazes) (SANTOS FILHO, s/d, p. 112).

emancipação política da cidade, o jornal *Tribuna do Sertão* publicou uma carta assinada pelos “Jovens de Bonfim” e endereçada ao então Governador Antônio Carlos Magalhães:

Senhor Governador:

Os jovens de Senhor do Bonfim estão ameaçados pela falta de condições que lhes dê o natural direito de se cultivarem.

As tradições do nosso povo são de cultura e desenvolvimento. Já tivemos expressão em todos os campos da cultura, no jornalismo, na poesia, *nas artes cênicas*, nos esportes; entretanto, hoje estamos relegados à impossibilidade de desenvolver a nossa inteligência por falta de condições do ambiente. Para tornar mais claro para V. Excia., o alcance do problema, é bastante citar que sentimos impiedosamente a falta de um auditório²³², quando no Grupo Escolar Teixeira de Freitas, aqui na cidade, existe um auditório maravilhoso, que se fosse organizado e mobiliado, com o auxílio de V. Excia., preencheria as nossas necessidades. Estamos a meio caminho andado. *Necessitamos completar as condições do auditório.*

Apelamos assim para V. Excia. e para o Dr. Rômulo Galvão²³³, para atender-nos neste pedido, pois há aqui uma quantidade considerável de jovens capacitados e que se sentem impossibilitados de desenvolver as suas aptidões, por falta de condições do ambiente.

A V. Excia. Deixamos o nosso apelo, confiante no apoio indispensável do nosso Governador. (Grifos meus) (Senhor Governador. *Tribuna do Sertão*, n. 01, 28 de maio de 1973, ano I, p. 6.)

Não pretendemos, no momento, fazer uma análise crítica do teor do documento, embora o conteúdo pareça exigir, mas simplesmente mostrar a necessidade expressa, mais uma vez, por uma casa de espetáculos com boas condições técnicas de representação.

Apesar da televisão, em meados da década de 1970, o Cine-Teatro São José estava funcionando (SANTOS FILHO, [19--], p.111) diariamente²³⁴ – com filmes como “*Mary Stuart Rainha da Escócia, Drácula e o Mundo Mini-Saia, Os Mansos, Sádico da Alma Negra, Demônios Alados, Os Comandos de Churchill, Quando Explode a*

²³² Ainda é bastante comum na cidade, o uso do termo *auditório* como sinônimo imediato de teatro (edifício teatral).

²³³ Natural da vizinha cidade de Campo Formoso e, na época, Secretário de Educação do Estado da Bahia.

²³⁴ Às 20h00min, além da matinê de domingo às 16h00min. (Cine São José. *Tribuna do sertão*, n. 34, 29/30 de junho de 1974, ano II, p. 2).

Vingança.” (Cine São José. Tribuna do Sertão, n. 34, 29/30 de junho de 1974, ano II, p.

2) – embora apareça no jornal *Tribuna do Sertão* sem a nomenclatura *Cine-Teatro*, mas apenas *Cine São José*. Para Santos Filho ([19--], p.114):

A grandeza do cinema em Bonfim, que não podia ser eterna, entrou em célebre decadência a partir dos anos setenta. No início destes anos, a televisão que, para nós, era uma realidade, porém nova, paulatinamente, ao invadir os nossos lares, através da imagem, empolgou a óptica com extensa e variada programação, indo além do cinema.

A televisão, com o seu poder de dominar e monopolizar, esvaziou o cinema, desmotivando os espectadores.

Sem público, apesar de muito esforço para reverter a situação, os novos proprietários foram obrigados a fechar o CINE TEATRO SÃO JOSÉ em 31.01.1983.

Entretanto, um bem sucedido empresário bonfinense, Rafael Pereira Silva, o *Buck Jones*, reabriu-o em 01.11.1983, através de arrendamento, com o nome de Rafael Cine Foto, fazendo-o funcionar por quase um ano, até 1984, quando cerrou as portas, em definitivo, após acumular imensos prejuízos, por falta de público.

Ainda na década de 1980 “Grupos de artistas, entidades de classes, associações, se movimentam a fim de exigirem das autoridades competentes o tombamento deste patrimônio.” (VAMOS, [19--]). O teor do panfleto distribuído pela cidade dizia que:

No momento em que comemora seu 104º aniversário de emancipação política, Senhor do Bonfim está ameaçada de perder mais um dos seus monumentos histórico-cultural (sic). O Cine-Teatro São José, construído em 1927, que representa o auge cultural e arquitetônico do início do século, está incluso nos planos de enriquecimento desenfreado de um empresário, que o demolirá para, em seu local, construir um Shopping Center.

Nada temos contra a modernidade, muito pelo contrário, acreditamos no futuro, mas entendemos que símbolos do passado devem ser preservados, como registros vivos da história. Num país onde reclamamos a todo instante a falta de memória, é eminente que comecemos agora a cultivá-la antes que a ambição de uma minoria destrua o legado tradicional de gerações passadas.

A cidade necessita de atividades culturais e um espaço como este não pode permanecer fechado, como ocorre até o momento, por incompetência e insensatez de empresários e políticos. VAMOS ABRIR OS OLHOS, para que possamos ter de volta a oportunidade de desfrutar coletivamente de sonhos dramáticos, cômicos, eróticos, românticos, históricos, aterrorizantes e emocionantes, que a magia da sétima arte nos proporciona.

O prédio do Cine Teatro, além de sala de exibição de filmes, pode ser utilizado para apresentações de espetáculos musicais e teatrais, conferências, etc., funcionando como anexo ao Centro Cultural²³⁵, com subsídios da

²³⁵ Trata-se do Centro Cultural Ceciliano de Carvalho, inaugurado no final da década de 1980. O espaço – com auditório, salão e bar (MACHADO, 2007, p. 140) – abriga até hoje vários eventos locais: reuniões

Secretaria da Cultura e indicação de alguém competente e comprometido com a cultura na cidade, como dirigente. (VAMOS, [19--])

Sem a construção do Shopping Center naquele momento, o prédio fora arrendado para a Igreja Universal do Reino de Deus. Refletindo sobre o destino de alguns teatros, Serroni (2002, p.29) conclui que “[...] O projeto de uma nova igreja, dessas ‘universais’, ou de um bingo, quase sempre tira da cidade um velho edifício teatral, muitas vezes já agonizante, pois a ambição econômica e as propostas mais imediatistas sobrepujam quase sempre a qualquer vontade política ou de se batalhar por uma restauração.” O ato não foi impedido e chegou o fim dos tempos da casa de espetáculos que, apesar de todos os problemas, dera muita alegria à cidade e região, uma vez que, segundo Santos Filho ([19--], p. 112):

Grandes astros nacionais e internacionais da música e do humor, com suas miríficas (sic) apresentações, incrementaram ainda mais, o prestígio do CINE TEATRO SÃO JOSÉ: Orlando Dias, Cauby Peixoto, Nelson Gonçalves, Altemar Dutra, Raul Seixas, Ângela Maria, Emilinha Borba, Tony Tornado, Frankito, Bienvenido Granada, Jackson do Pandeiro, Luiz Gonzaga, Núbia Lafaiete, Marinês, Nelson Ned, José Augusto, Barnabé, Coronel Ludugero e outros.

Ainda, como forma de valorizar a atividade teatral bonfinense, nesse cinema foram apresentadas inúmeras peças, dentre as quais, Vitória Régia, adaptada e dirigida pela professora Rita Peroba, e Príncipe Cego, com adaptação e direção do Padre Walter, destacando-se como atores José Canário e Walter Barreiro, o Barreirinho.

Depois de mais algum tempo passou a funcionar ali, no saudoso e poético Largo do Teatro, o *Itamaraty Eletromóveis* (ALMEIDA, 2001, p. 141), que em seguida cedeu espaço, mais uma vez, para a Igreja Universal do Reino de Deus, a qual funciona no local até hoje. Para Montenegro *apud* (SERONNI 2002, p. 15) “A lenta e penosa ascensão de nossos homens de teatro esbarra em meados do século XX com um crescente esvaziamento de nossos teatros, transformados, muitos deles, em

políticas, formaturas, palestras, seminários e até representações teatrais. Até pouco tempo o seu palco servia como espaço para pagamento do funcionalismo público municipal.

cinemas e igrejas de cultos evangélicos. Nossos teatros oficiais, porém, estão salvos deste desmonte cultural.” Aqui, podemos sonhar em deduzir que se a municipalidade, ao invés das míseras ações previstas no orçamento de 1913, tivesse assumido o ideal da construção do Teatro levado a cabo, a princípio pela Companhia do Teatro Tiradentes, transformando-o num Teatro Municipal, em voga na época²³⁶, ou se o Cônego Tolentino Silva, provedor da Irmandade Nossa Senhora da Piedade, por piedade, não o tivesse vendido para particulares, muito provavelmente o seu destino, mesmo prevendo todas as dificuldades, seria outro. Mesmo porque, na sua gênese, ele seria um Teatro e não um Cine-Teatro.



Figura 55 - A loja Itamaraty Eletromóveis ocupando o prédio do antigo Cine-Teatro São José, anos 80 (Fonte: acervo pessoal).

O livro *Teatros, uma memória do espaço cênico no Brasil* apresenta 892 teatros espalhados pelo país (GUZIK *apud* SERRONI 2002, p. 12), dos quais 44 estão na

²³⁶ Num período próximo a este, o comediógrafo Arthur Azevedo lutou pela construção de um teatro municipal para o Rio de Janeiro, a capital federal, e encontrou no prefeito Francisco Pereira Passos a disposição para realizá-la. A saga para erigir o famoso Teatro Municipal aconteceu de 1884 a 1909, quando foi inaugurado, inspirando outras capitais da velha república a fazer o mesmo. (MONTENEGRO *apud* SERRONI, 2002, p. 16).

Bahia, sendo 28 em Salvador²³⁷, 05 em Feira de Santana²³⁸ e 11 distribuídos em 08 cidades, dos outros 415 municípios do interior do Estado²³⁹ (SERRONI, 2002, p. 50-59, 258-261). Infelizmente nenhum deles está em Senhor do Bonfim. Sabemos que algumas casas de espetáculos escaparam ao registro, mas concordamos com Guzik (*apud* SERRONI 2002, p. 13), quando este diz que “[...] O próprio número de teatros existentes no Brasil (...) é escandalosamente reduzido, se pensarmos no tamanho continental da nação e no seu número de cidades.” Mesmo assim, alguns poderiam reivindicar a presença do Centro Cultural Ceciliano de Carvalho no *hall* dos teatros brasileiros, mas Serroni (2002, p. 27) justifica que:

Alguns espaços talvez não tenham sido registrados por funcionar secundariamente em casas noturnas e restaurantes. Outros, por não terem atividades permanentes e outros, ainda, por exercerem atividades apenas curriculares ou amadoras. Existem também aqueles que acabaram não sendo documentados por puro desinteresse e até inadimplência de seus administradores.

A verdade é que em pleno século XXI, a cidade que há quase 100 anos atrás vibrava com a construção de um teatro, por este representar “o atestado vivo do nosso grau de civilização” (Theatro. Correio do Bonfim. Senhor do Bonfim, n. 10, 1º de dezembro de 1912, ano I, p. 3), ainda não tem um edifício que abrigue as artes cênicas. Ainda sobre o Centro Cultural de Senhor do Bonfim, é importante pontuar que ele não é

²³⁷ São eles: Teatro Castro Alves, Teatro Vila Velha, Anfiteatro Parque Costa Azul, Cine-Teatro SESC Casa do Comércio, Sala da Arte, Teatro ACBEU, Teatro Caballeros de Santiago, Teatro de Arena, Teatro Dias Gomes, Teatro Diplomata, Teatro do ICEIA, Teatro ICBA, Teatro Xisto Bahia, Teatro Gamboa, Teatro Gil Santana, Teatro Gregório de Matos, Teatro Hora da Criança, Teatro Jorge Amado, Teatro Martim Gonçalves, Teatro Miguel Santana, Teatro Módulo, Teatro Movimento, Teatro SESC-SENAC Pelourinho, Teatro Salesiano, Teatro do SESI, Teatro Solar Boa Vista, Teatro XVIII e Teatro Zélia Gattai – Casa de Jorge Amado (SERRONI, 2002, p. 51-59 e 259-261).

²³⁸ São eles: Centro de Cultura Amélia Amorim, Teatro CUCA, Teatro da Câmara dos Dirigentes Lojistas, Teatro Dona Canô e Teatro Municipal Margarida Ribeiro (SERRONI, 2002, p. 258).

²³⁹ São eles: Teatro Municipal de Ilhéus (Ilhéus); Centro de Cultura Adonias Filho (Itabuna); Centro Cultural João Gilberto (Juazeiro); Teatro Belarmino Rocha, Teatro Odilon Costa (Morro do Chapéu); Centro Cultural de Porto Seguro (Porto Seguro); Teatro São Carlos (Rio de Contas); Centro de Cultura Olívia Barradas (Valença); Centro de Cultura Camilo de Jesus, Teatro Glauber Rocha, Teatro Municipal Carlos Jeovah (Vitória da Conquista) (SERRONI, 2002, p. 50, 258-259 e 261).

um teatro, mesmo porque não foi projetado para sê-lo. Ao tratar dos equívocos técnicos em torno da construção de edifícios teatrais no Brasil, Serroni (2002, p. 32-33) diz que:

Um outro fator muito comum, cuja responsabilidade acaba recaindo sobre os arquitetos, é a confusão que existe entre um teatro e um auditório. Eles se parecem, mas são completamente distintos no uso. Como o auditório requer menos equipamentos, dimensões e infra-estrutura, é comum solicitarem ao arquiteto um auditório e depois, invariavelmente, exigirem dele uma funcionabilidade de teatro. Isso é invariável, e um auditório será sempre precário às encenações teatrais.

Voltando à principal questão, precisamos reconhecer que o Cine Teatro São José nunca manteve uma programação grandiosa e contínua, nem como cinema, por questões econômicas ou técnicas, e muito menos como teatro, no entanto, foi um símbolo da arquitetura bonfinense durante muitos anos e o marco cultural de uma organização social; um sinal na história de uma cidade que sempre desejou produzir e apreciar teatro. Sobre seu fim, concordamos com Guzik (*apud* SERRONI 2002, p. 14) quando diz que “[...] Tais ações predatórias têm de ser barradas de agora em diante. [...]”. Mas oxalá que Ratto (2001 *apud* SERRONI 2002, p. 18), tenha razão quando diz que “Um teatro é como o pensamento criador: é indestrutível. Alterações não afetam sua presença, sua potencialidade estrutural; é o reflexo direto de sua vitalidade de *áraba fenix*.”



Figura 56 - Atualmente a Igreja Universal do Reino de Deus (à direita) impera no antigo Largo do Teatro, anos 90 (Fonte: acervo pessoal).

Por fim podemos dizer que esta é uma tentativa modesta de “reconstruir” a história de um edifício teatral no sertão baiano e as múltiplas funções que ele assume na comunidade que o gera e mantém²⁴⁰ – das especulações em torno da construção à sua manutenção pela assiduidade e manifestação pública em sua defesa. Todas essas ações geraram, concretamente, pouquíssimas implicações no fazer cênico e mais na configuração utópica de uma “modernidade” tão desejada, nos seus primórdios, e na elaboração de símbolo de luta pela “preservação do passado”, nos seus últimos dias.

²⁴⁰ Ele ainda seria palco do programa *Calouros em Sucesso*, que na década de 1970 “... está conceituado o melhor programa de auditório para calouros já apresentado nesta cidade e possivelmente o melhor do interior baiano. [...]... programa este que tomou conta da cidade, por várias vezes lotou a casa de espetáculos do Cine São José, local onde é apresentado aos domingos, às 10h30min horas da matina, promovendo concursos, distribuindo prêmios a valer, lançando cantores e muitas outras coisas de mil maravilhas que o mesmo apresenta. Os dirigentes responsáveis são: diretor: Paulo Dantas; apresentador: Tito Rocha; diretor artístico: Ruy Valadares. [...]” (Sucesso sem sucesso. *Tribuna do Sertão*, n. 01, 28 de maio de 1973, ano I, p. 4). Planejou-se para acontecer lá também, em 1973, a estréia da *Orquestra da Saudade*, uma pequena orquestra sinfônica, formada por adultos, jovens e crianças da cidade, com direção da Professora Ieda Balitardo de Carvalho e regência do Professor Fernando Dantas da Silva (*Tribuna do Sertão*, 25.08.1973). Mas o evento só aconteceria em julho de 1974, no auditório do Colégio das Irmãs Sacramentinas, trazendo no repertório, entre outras, músicas de Beethoven e Catulo da Paixão Cearense (*Tribuna do Sertão*, 29-30.06.1974).

APÊNDICE G – “TEATRO NÃO É CIRCO”: OS “MOÇOS BONITOS” E OUTROS ESPECTADORES BONFINENSES QUE PENSAVAM ESTAR NUM “CIRCO DE CAVALINHOS!”

Desde o início do século passado, as platéias do teatro bonfinense ofereceram aborrecimento a artistas e fruidores, a ponto de um jornal publicar, por ocasião da estréia de *Antônio Maciel, O Conselheiro* – em 12 de agosto de 1913 – um pedido à Diretoria da Sociedade 25 de Janeiro, para “[...]... proibir a entrada a uns garotos petulantes que, em todos os espetáculos, estão na frente a dar gritos, perturbando muitas vezes o desempenho do drama. [...]” (Theatro. Correio do Bonfim, n. 47, 17 de agosto de 1913, ano I, p. 2) Mas a mesma platéia também reconheceu o trabalho das atrizes deste espetáculo, pois “[...]... os aplausos choviam e as flores caíam em profusão, ora em bonitos *bouquets*, ora dispersas. [...]” (Theatro. Correio do Bonfim, n. 47, 17 de agosto de 1913, ano I, p. 2).

Em 1918, na ocasião da estréia da peça *A Cruz Vermelha* montada pelo Grupo Dramático da “[...]... Sociedade União e Recreio, cujos diretores já têm recebido constantemente para ela inúmeros pedidos de ingresso.” (A Cruz Vermelha. Correio do Bonfim, n. 32, 05 de maio de 1918, ano VI, p. 2.), houve casa lotada. A “festa de arte”, como foi chamada, estava “Marcada para ter início às 8 horas da noite, já às 7 horas completara-se a lotação do ‘Cinema Confiança’, tal a afluência de espectadores...” (Festa de Arte. Correio do Bonfim, n. 34, 19 de maio de 1918, ano VI, p. 1).

Em uma das passagens do *Trio Flores*²⁴¹ pela cidade, uns “engraçados” na platéia do *Confiança* continuavam a contrariar a ordem no “teatrinho”. Mas pelo que parece o

²⁴¹ Tratava-se de uma companhia de variedades formado por Aurélia Epaminondas, Maria Oliveira e Edgard Teixeira, sob a direção dos dois primeiros. Estiveram na cidade em 1919 e depois em 1921, quando apresentaram o drama *Pela Pátria* (peça em 2 atos da autoria de Aurélio Epaminondas) e as comédias: *É de Bambambam*, *Amor na Chuva*, *Me deixe Mulata*, *Ai Tibúrcio*, *Chateaux Margaux*, entre

aborrecimento causado é menos pelo desrespeito ao trabalho dos artistas do que pela ofensa às famílias frequentadoras²⁴² da casa de espetáculos:

Não é a primeira vez que advertimos aos engraçados que procuram se exhibir nessa casa de diversões, o respeito que devemos especialmente às famílias que ali vão.

O ‘Cinema’ é uma casa pública e onde vão as pessoas voluntariamente procurar recrear o espírito com impressões boas. Quem se der mal se retire. Mas o que não está direito é o modo inconveniente de alguns pândegos que entendem que aquilo é... frege!

Nos espetáculos do Trio Flores temos assistido cenas que nada condizem com a educação da terra...

A continuar assim, já não pedimos providências aos empresários do Cinema – Chamamos a atenção da polícia! (Cinema Confiança. *Correio do Bonfim*, n. 32, 08 de maio de 1931, ano IX, p. 1.).

E as sessões cinematográficas, mais constantes que as representações teatrais, não ficavam ilesas da algazarra:

Torna-se preciso uma severa corrigenda (sic) em alguns moços cuja desenvoltura está impressionando mal em nosso meio social culto que procura essa casa de diversões para passar algumas horas de agradável distração.

O exemplo detestável que dão, acompanhados de perto pelas crianças, com gritos, assobios (sic), e bater de cadeiras, à mais banal cena da tela, revela apenas aos espectadores que pela primeira vez visitam a cidade, uma péssima demonstração de civilidade torta...

A polícia deve auxiliar aos proprietários do Cine a implantar a ordem bem observada dantes ali, e agora transformada.

O que vimos no espetáculo de domingo e quinta-feira foi simplesmente vergonhoso! (Echos e Artes. *Correio do Bonfim*, n. 46, 16 de agosto de 1925, ano XI, p. 1.).

outros números. Na ocasião foram acompanhados pela orquestra formada por Anália Chaves, Dulce Ramos, Marietta, D. Maria Batista Netto (piano), Philomeno Cruz (violoncelo), Manoel Duarte e João Luiz Pereira, com direção de Abílio Cardoso.

²⁴² A preocupação com a tranqüilidade dos fruidores – esquecendo-se dos atores e atrizes – continua na pauta nos anos seguintes, como podemos conferir em trecho de matéria publicada no *Correio do Bonfim* sobre as platéias da cidade nas representações teatrais: “[...] Tenham pena do público que procura se deleitar com algumas horas de arte, tão raras infelizmente em nossa terra. Tenham pena e evitem o aborrecimento que causam ao público educado...”, diz a nota. (Nossas Platéias. *Correio do Bonfim*, n. 38, 15 de junho de 1941, ano XXIX, p. 2).

Em agosto de 1939 houve “riso na platéia” (Correio do Bonfim, 03/09/1939) durante a apresentação do “drama histórico e religioso *Dorothea*” (Correio do Bonfim, 27/08/1939):

O teatro é o espelho da vida. Nele são reproduzidas as fases autênticas da humanidade, desde a agitação e diversidade de cenas até as emoções da vida real. Nele ainda a humanidade se mira e nós nos revemos ali, ora toscos e engraçados, ora graves e solenes, tal qual representamos cá fora, no cenário real da existência, em que hora somos galãs, ora palhaços.

E é por isso que as comédias, os dramas, as cenas trágicas que se representam no palco são a reprodução fiel, como no espelho, de outras tantas tragédias e dramas que se desenrolam fora do pano de boca.

Por isso também as emoções do teatro são em tudo iguais às emoções da vida real, motivo por que as suas cenas, quando reproduzidas através de arte verdadeira e pura, nos provocam cá na platéia o choro ou o riso, a lágrima ou a gargalhada, a comoção ou o patético.

Rir, portanto, quando assistimos, no palco, uma tragédia ou o desenrolar de uma cena dramática de grande emoção, é um disparate tal como se alguém chorasse ao ouvir a pilheria de um palhaço ou achasse graça ao ver um homem assassinar outro.

São dispartes que dificilmente os circunstantes perdoariam e este alguém seria fatalmente tomado por louco ou ridículo.

É o que está acontecendo presentemente nos teatros em Bonfim. Estamos a lidar no atual momento com uma platéia como nunca tivemos igual em toda a vida teatral de Bonfim. A nossa platéia está pleiteando para si aqueles dois qualificativos, acrescidos de mais outro, que nos penalizamos de comentar – o de atrasada.

No teatro de domingo, esta verdade foi posta à prova, dolorosamente. As cenas dramáticas da peça arrancavam gargalhadas, risos incontidos, como se fossem comédias ou palhaçada.

É isso que precisamos ir corrigindo. Nunca fomos assim. Sempre tivemos orgulho em possuir uma platéia civilizada, na altura do nosso adiantamento cultural. Como é que nos deixamos retrogradar, provocando tais cenas de ridículo e de atraso?

Rimos quando a cena for de riso; mas, por deus, não achemos graça nem perturbemos a cena nos momentos de emoção... (Riso na Platéia. Correio do Bonfim, n. 49, 03 de setembro de 1939, ano XVII, p. 2.).

Tratava-se da ação de uns “moços bonitos” que durante os últimos espetáculos realizados na cidade, com “[...] Ditos de mau gosto, gargalhadas irritantes, aplausos inoportunos, graçolas desenxabidas, vozeirões intempestivos, estão fazendo do São José uma espécie de circo de cavalinhos!²⁴³” (A Platéia do São José. Correio do Bonfim, n.

²⁴³ Aqui há discurso preconceituoso sobre as artes circenses, ao sugerir que o comportamento dos “moços bonitos” seria apropriado para o circo, pois segundo Bolognesi (2003, p. 36): “O espetáculo do circo moderno, em sua origem, era integralmente concebido a partir do cavalo, o que motivou a expressão ‘circo de cavalinhos’. A exibição para uma platéia mais ampla de uma habilidade cujo gosto, até então, estivera restrito à aristocracia e aos militares, resultou em um certo tédio. A quebra dessa monotonia se

51, ano XXVII, p. 2, 1939). Na referência aos “moços bonitos”, no entanto, apesar da queixa, havia um claro protecionismo levado a efeito pela classe social à qual pertenciam, e um discurso altamente preconceituoso ao compará-los a palhaços e desqualificar o circo, uma vez que:

[...] os ‘moços bonitos’ que, nas esquinas, nos bares, no cinema, dirigem chufas àqueles infelizes, ou afinam pilhérias de mau gosto que mais espelham a sua falta de educação do que pendores de palhaço. [...]. São casos que revoltam pois, de envolta com a ralé, há ‘moços bonitos’ que se dizem de família boa, dando embora indícios de espécie má. [...]. Somente a polícia de costumes poderia ir aos poucos evitando essas cenas deponentes (sic) – recolhendo os ébrios à prisão, encaminhando os loucos ao hospício, na capital, e chamando os ‘moços bonitos, para serem mais comedidos, convencendo-os de que palhaço é para circo e sociedade organizada é... civilização! (Os “moços bonitos”. Correio do Bonfim, n. 28, 06 de abril de 1941, ano XXIX, p. 2.).

Mas apesar da ênfase dada aos “bonitos” e “engraçados” não eram apenas eles os inconvenientes das platéias bonfinenses, por que:

Ora são rapazolas a fazer graças, que pecam pela falta de espírito, ora é a conversa entre pessoas de certa posição social enquanto se passam cenas interessantes, ora são crianças sabidas, enlevo dos pais, que a assistência tem de aturar, porque ninguém pode deixar de ficar preso ao sorriso de um garotinho inteligente.

Mas o efeito cênico perde muito, visto que a arte difícil da representação requer o máximo de cuidado e qualquer incidente põe a baixo o sucesso de uma peça que se leva ao palco, vencendo mil óbices, evitando mil embaraços. (Nossas Platéias. Correio do Bonfim, n. 38, 15 de junho de 1941, ano XXIX, p. 2.).

O lugar desses “engraçados” seria em “[...]... esquina de ruas ou tabernas afastadas... [...]” (Festival de Arte. Correio do Bonfim, n. 04, 19 de outubro de 1941, ano XXX, p. 1), pois “[...] Teatro não é circo e a piada de palhaço cabe bem nos picadeiros, nunca diante do palco, onde se faz arte. [...]” (Festival de Arte. Correio do Bonfim, n. 04, 19 de outubro de 1941, ano XXX, p. 1). Em dezembro de 1941, mais um

deu com a introdução de números de acrobacias, inicialmente, e de diversos outros, em seguida, todos eles oriundos das feiras ambulantes, inclusive o *clown*. [...]” O termo é utilizado como sinônimo de circo pelo Dicionário Básico da Língua Portuguesa (AVANZI e TAMAOKI, 2004, p. 335).

episódio envolvendo os “moços bonitos” inspirou Gil Gaio (Sovas e trovas. Correio do Bonfim, n. 13, 21 de dezembro de 1941, ano XXX, p. 4.) nas suas “Sovas e Trovas”:

Gostei dessa função de quinta-feira
 Feita toda de graça e de harmonia
 Em que no encanto da arte verdadeira
 A inteligência revelar-se eu via

[...]

Mas, no entanto, ali, nos camarotes,
 Uma dúzia de guapos rapazotes
 Disputava de circo a exibição...

E o povo admirava, boquiaberto,
 O prodígio de tanto moço esperto
 Dando provas de tanta educação!

A ação desse grupo de rapazes no teatro havia se tornado freqüente, aborrecendo uma platéia cansada do repetido problema. Assim, a alternativa era clara: “[...]... ou a autoridade policial toma uma providência séria, ou a assistência de gente educada tem de se afastar do São José, nos dias de festa teatral²⁴⁴ ... [...].” Por que “[...] Quando o ignorante se cala, é tolerável; mas quando quer se destacar, é simplesmente insuportável. E só a ignorância é capaz de perturbar os efeitos da arte, a arte difícil do palco, fora do alcance da ralé. [...].”(Teatro. Correio do Bonfim, n. 13, 21 de dezembro de 1941, ano XXX, p. 1).

Sabendo-se que um grupo de espectadores “[...]... grita e sapateia naqueles camarotes... [...]” (Teatro. Correio do Bonfim, n. 14, 28 de dezembro de 1941, ano XXX, p. 2), vale salientar que a manifestação das platéias é ação recorrente em toda a

²⁴⁴ Desta vez o espetáculo foi realizado por “... dedicadas moças catequistas, (...) senhorinhas, rapazes e crianças...” (Teatro. Correio do Bonfim, n. 13, 21 de dezembro de 1941, ano XXX, p. 1) no dia 18 de dezembro de 1941. Além dos esquetes *Precisa-se de um sapato* e *Com a rainha é assim*, apresentados pelas crianças, integraram o espetáculo vários números de canto, “[...]... destacando-se na 1ª parte *Uma Noite no Rio*, por Waldir Rocha, *Boa Noite*, por J. Canário e na 2ª parte *Lero-Lero*, por Margarida Mendes. Mas sobretudo, a nota principal da festa foi dada pelas graciosas senhorinhas, que cantaram, arranjados em revista, *Batuque no Morro*, *A mulher do padeiro* e a chave de ouro *Chica-Boom Chica-Boom*, de efeito eletrizante, tal a impregnação de arte que lhe deram as *baianas* originais e a sua *rainha* maravilhosa (Teatro. Correio do Bonfim, n. 13, 21 de dezembro de 1941, ano XXX, p.1).

história do teatro ocidental, sob diferentes circunstâncias, pretextos e formas, é certo; no teatro brasileiro da virada do século XIX para o século XX, por exemplo, as batidas de pés nos camarotes – ou em qualquer outro lugar do edifício teatral – eram chamadas de “pateadas” e constituíam código de desagrado da platéia pela representação diante da qual se encontrava (REIS, 1999, p. 92).

O certo é que finalmente uma trégua foi dada, já que poucos dias depois, em 02 de janeiro de 1942, na próxima “Festa de arte” ocorrida no Cine Teatro São José, o público “[...]... pode se manifestar nos seus justos aplausos, sem o concurso ruidoso de elementos sem responsabilidade, os quais retraíram-se oportunamente, pelo protesto anterior da opinião pública e também pela vigilância da autoridade policial, desta vez ótima. [...]” (Festa de Arte. Correio do Bonfim, n. 15, 04 de janeiro de 1942, ano XXX, p. 1).

Mesmo na segunda metade do século XX, especialmente nas sessões cinematográficas, o público do São José continuava sendo surpreendido por “brincadeiras” de alguns espectadores que chegaram a soltar urubus, gafanhotos e serpentes na sala de exibição, além de levarem, para colocar ao pé da parede, frascos com urina de gambá. (SANTOS FILHO, [19--], p.114).